

Bakunin por Bakunin

Coletivo
SABOTAGEM

<http://www.sabotagem.cjb.net/>

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Carta à seu irmão Pavel*

Eu amo, Pavel, eu amo imensamente; eu não sei se posso ser amado como gostaria de sê-lo, mas não desespero; eu sei pelo menos que se tem muita simpatia por mim; eu devo e quero merecer o amor daquela que amo, amando-a religiosamente, quer dizer, ativamente; - ela está submetida à mais terrível e à mais infame escravidão; - e devo libertá-la combatendo seus opressores e acendendo em seu coração o sentimento de sua própria dignidade, suscitando nela o amor e a necessidade da liberdade, os instintos da revolta e da independência, lembrando a ela o sentimento de sua força e de seus direitos. Amar é querer a liberdade, a completa independência do outro, o primeiro ato do verdadeiro amor, é a emancipação completa do objeto que se ama; não se pode verdadeiramente amar senão a um ser perfeitamente livre, independente não somente de todos os outros, mas mesmo e sobretudo daquele pelo qual é amado e que ele próprio ama. Eis minha profissão de fé política, social e religiosa, eis o sentido Intimo, não somente de minhas ações e de minhas tendências políticas, mas também, tanto quanto eu possa, o de minha existência particular e individual, pois o tempo em que estes dois tipos de ação podiam ser separados já está bem longe de nós; agora o homem quer a liberdade em todas as acepções e aplicações desta palavra, ou então ele não a quer absolutamente. Querer, amando, a dependência daquele a quem se ama, é amar uma coisa e não um ser humano, pois este só se distingue da coisa pela liberdade; e também se o amor implicasse a dependência, ele seria a coisa mais perigosa e a mais infame do mundo porque criaria uma fonte inesgotável de escravidão e de degradação para a humanidade. Tudo que emancipa os homens, tudo que, fazendo-os entrar neles mesmos, suscita o princípio de suas próprias vidas, de uma atividade original e realmente independente, tudo que lhes dá a força de serem eles próprios, - é verdadeiro; todo o resto é falso, liberticida, absurdo. Emancipar o homem, eis a única influência legítima e benfeitora. Abaixo todos os dogmas religiosos e filosóficos, eles nada mais são do que mentiras; a verdade não é uma teoria, mas um fato; a vida é a comunidade de homens livres e independentes - é a santa unidade do amor brotando das profundezas misteriosas e infinitas da liberdade individual.

Por favor, não se esqueçam de mim e, se for possível, escrevam-me, mas sendo prudentes e evitando também vos comprometer pelo que quer que seja, escrevam-me pelo menos uma palavra a fim de que eu possa estar seguro de que estais ainda vivos. Meus pobres, vós não podeis saber quão freqüente meu coração se aperta em relação a vós e por vós; nossos pais desperdiçaram toda vossa vida; eles vos mataram. O que é feito de meu pai? Eu lamento por ele: ele também era capaz de uma outra existência. Ele ainda está vivo? Eu lhe escreverei em breve uma última carta de adeus, sem o menor objetivo prático ou interessado, mas simplesmente para me despedir dele e lhe dizer algumas palavras de afeição e de adeus. Quanto à minha mãe, eu a amaldiçôo; para ela, em minha alma, não há lugar para outros sentimentos além do ódio e do mais profundo e radical desprezo, não por minha causa, mas pela vossa, a quem ela causou muitos males. Não me trateis por cruel; é tempo de que nós nos libertemos de um sentimentalismo impotente e irreal; é tempo de sermos homens, homens tão fortes e tão constantes no ódio quanto no amor. Sem perdão, mas guerra implacável a meus

* Paris, 29 de março de 1845. A.A. Kornilov, Gody Stranstvij Michaila Bakunina, Leningrado etc. 1925, pp. 284- 285.

inimigos, pois esses são os inimigos de tudo o que há de humano em nós, os inimigos de nossa dignidade, de nossa liberdade.

*Nós por muito tempo amamos,
Queremos finalmente odiar.*

Sim, a capacidade de odiar é inseparável da capacidade de amar.

AS PRISÕES

CARTA A MATHILDE REICHEL*

No que concerne à minha vida aqui, posso descrevê-la muito simplesmente e em poucas palavras. Tenho um quarto muito limpo, quente e confortável, muita luz e pela janela eu vejo um pedaço de céu. Eu me levanto às sete horas da manhã e tomo café; em seguida sento-me à minha mesa e exercito a matemática até o meio-dia. Ao meio-dia trazem-me o almoço. Após o almoço, jogo-me sobre o leito e leio Shakespeare um passeio; então, colocam em mim uma corrente, provavelmente a fim de que eu não fuja, o que seria impossível mesmo sem isso, pois eu passeio entre duas baionetas, e uma fuga da fortaleza de Königstein me parece impossível. Talvez isto seja também um tipo de símbolo, para me fazer recordar, em minha solidão, os elos indivisíveis que unem cada indivíduo à humanidade inteira. De qualquer forma, enfeitado com esse artigo de luxo, caminho um pouco e admiro de longe as belezas da Suíça saxã. Meia-hora depois eu retorno, retiro meu enfeite e estudo inglês até as seis horas da tarde. As seis horas, bebo chá e retomo a matemática até as nove e meia. Ainda que eu não tenha relógio, estou bem informado quanto a hora, pois um sino da torre a indica a cada quarto de hora e, às nove e meia, ressoa um clarim melancólico, cujo canto, semelhante à lamúria gemente de um amante infeliz, é um sinal de que é preciso apagar a luz e deitar. Eu não consigo, naturalmente, dormir logo em seguida e permaneço acordado habitualmente até meia-noite. Utilizo esse tempo a pensar em todos os tipos de coisas e particularmente em algumas pessoas amadas, cuja amizade me é tão cara. Os pensamentos são livres de qualquer fronteira, eles não são limitados por nenhuma muralha de fortaleza e assim vagam meus pensamentos em torno do mundo inteiro, até que eu consiga dormir. Todo dia se repete a mesma história. Como você vê, cara amiga, minha situação não é tão má, não me falta nada aqui, a não ser duas pequenas coisas que por si só são todo o valor da vida. Minha vida interior é agora um livro lacrado por sete selos; não posso e não quero falar dela. Como eu disse, estou calmo, completamente calmo, e pronto a qualquer eventualidade. Ainda não sei o que farão comigo; em breve, espero passar pelo primeiro julgamento. Estou pronto tanto para entrar de novo na vida quanto para deixá-la. Agora eu estou em ponto nulo, quer dizer, eu sou um ser unicamente pensante, ou seja, não vivente; pois entre pensar e ser, como a Alemanha aprendeu a sê-lo ultimamente, há, todavia, um imenso abismo.

* Königstein. 16 de janeiro de 1850. Le Réveil, Genève, 3 de julho de 1926.

CARTA A MATHILDE REICHEL*

Se eu mereci a condenação à morte? De acordo com as leis, pelo que eu pude compreender da explicação de meu advogado, sim. Segundo a minha consciência, não. As leis estão raramente de acordo com a história e permanecem quase sempre atrás dela. Eis porque há agitações sobre a terra e sempre haverá. Eu agi segundo minha melhor convicção e nada busquei para mim mesmo. Fracassei como tantos outros, e alguns melhores, antes de mim, mas o que quis não pode perecer, não porque *eu* o quis, mas porque *aquilo* que eu quis é necessário, inevitável. Cedo ou tarde, com maior ou menor sacrifício, isso virá, no sentido de seu direito, de sua realização. Este é o meu consolo, minha força e minha fé.

Querida amiga, você sonha com um reino dos céus sobre a terra, você crê que a palavra é suficiente para converter o mundo, para conduzir os homens rumo a uma maior humanidade e liberdade. Mas apenas abra os anais da história verá que o menor progresso da humanidade, cada novo fruto vivo cresceu num solo abundantemente regado de sangue humano, e assim podemos esperar que o nosso também não será inteiramente perdido. O próprio Cristo, - ao qual não tenho a intenção de nos comparar - foi condenado à morte como criminoso de Estado pelas leis judaicas. Mas ele não derramou sangue, você dirá. Sim, outros tempos, outros costumes. Para entender esta questão em sua plena verdade, você deve, querida amiga, situar-se num ponto de vista mais elevado. A história é uma tragédia, uma luta contínua, magnífica, do Velho e do Novo. O Velho tem razão porque ele subsiste; o Novo, porque ele próprio é o princípio interior de vida e de destruição deste Velho, a fonte criadora do futuro. Não se esqueça nunca que houve um tempo em que o Velho pareceu igualmente novo e, por isso, ilegal. Agora ele se tomou sólido, acomodou-se, quer dizer, tomou-se lei, e ele combate o “novo Novo”, assim como ele foi combatido pelo “Velho” de outrora. Nesta luta, é tanto o Novo que triunfa, e a isso se chama Revolução, quanto o Velho, e dá-se o nome de Reação e castigo legal. Os dois partidos têm razão, segundo seu ponto de vista: tanto o que julga quanto aquele que é julgado. O primeiro, porque tem as leis com ele, o outro, porque age de acordo com suas convicções

Eu sei, você odeia as tempestades; e com razão? Aí está a questão. As tempestades no mundo moral são tão necessárias quanto na natureza: elas purificam, rejuvenescem a atmosfera espiritual, elas desenvolvem as forças sonolentas, elas destroem o destrutível e dão ao eterno vivo um brilho novo, que não se pode apagar. Na tempestade, respira-se mais facilmente; é somente no combate que se aprende o que um homem pode, o que ele deve, e, na verdade, uma tempestade semelhante era uma necessidade do mundo atual, que estava bem perto de sufocar com seu ar empestado. Mas a tempestade está longe de ter passado; eu acredito, estou firmemente convencido de que aquilo que nós vivemos (1848-49) foi apenas um fraco começo do que ainda virá e durará muito tempo. A cura nos será tanto mais difícil quanto mais perigosa tiver sido a doença, e a doença é incomensurável. Observe à sua volta e veja como este mundo, que se diz civilizado, está desvairado e impotente e não sabe o que fazer; para onde fugir. Ele parou em sua marcha, não pode ir mais longe pois foi abandonado por todos os elementos que levam à vida e ao progresso. Ele não acredita em mais nada, nem nele próprio, nem no futuro. Sua hora soou, sua vida atual nada mais é senão um último combate mortal; mas não tema, querida amiga, um mundo mais jovem e mais belo o seguirá; lamento apenas

* Königstein. 16 de fevereiro de 1850. Le Réveil, Genève, 3 de julho de 1926.

uma coisa, eu não o verei, e você também não, pois a luta, como eu o disse, durará ainda muito tempo e sobreviverá a nós dois.

CARTA A SEUS IRMÃOS E IRMÃS*

Meus queridos amigos! Eu sei a que perigo terrível eu vos exponho ao escrever esta carta. Todavia, eu a escrevo; daí vocês concluirão o que é (palavra ilegível) grande para mim a necessidade de me explicar com vocês, e de dizer, ainda que fosse uma única vez mais, sem dúvida a última, em minha vida, livremente, sem coação, o que eu sinto, o que eu penso. É a primeira vez, e será a última também que eu farei com que vocês corram um risco. Esta carta é minha suprema e última tentativa de me reconciliar com a vida: uma vez bem esclarecida minha posição, eu saberei se devo esperar ainda na esperança de poder me tornar útil segundo as idéias que eu tinha, segundo as idéias que ainda tenho e que sempre serão as minhas, ou se devo morrer. Não me acusem nem de impaciência, nem de fraqueza; seria injusto. Perguntem, ao contrário, ao meu capitão, agora major, ele repetirá a vocês o que me disse com freqüência; que raramente ele viu um prisioneiro tão racional, tão corajoso quanto eu; estou sempre de bom humor, estou sempre rindo, - e, entretanto, vinte vezes por dia eu gostaria de morrer, de tanto que minha vida se tornou penosa. Sinto que minhas forças se esgotam, minha alma ainda está forte, mas meu corpo se enfraquece; a imobilidade, a inação forçada, a falta de ar e sobretudo um cruel momento interior que somente um prisioneiro isolado como eu poderá compreender, e que não me dá descanso nem de dia, nem de noite, desenvolveram em mim os germes de uma doença crônica que, por não ser médico, eu não posso definir, mas a cada dia se faz sentir em mim de uma maneira mais desagradável - são, eu penso, hemorróidas, complicadas por outros fatores que eu ignoro; os males de cabeça não me abandonam quase nunca; meu sangue está em plena revolta, sobe ao meu peito, à minha cabeça, e me sufoca a ponto de me tirar a respiração durante horas inteiras, e quase sempre escuto em meus ouvidos um barulho parecido com aquele que produz a água fervente; duas vezes por dia, infalivelmente, eu tenho febre, antes do meio-dia e à noite, e durante o resto do dia sinto-me atormentado por um mal-estar interior que queima meu corpo, embaraça minha cabeça e parece me querer devorar lentamente; - vocês me verão; você me encontrará bem mudado, Tatiana, mesmo depois da última vez que nos vimos; uma vez tive a ocasião de me contemplar num espelho e me achei terrivelmente feio. Quanto a isso, eu me preocupo pouco; renunciei, já faz muito tempo, aquilo que os velhos como eu chamam de vaidade, e que os jovens denominam, com mil vezes mais razão, a própria essência da vida; para mim permaneceu apenas um único interesse, um único objeto de culto e de fé, - vocês o denominaram e, se não posso viver para ele, não quero viver absolutamente. Pouco me importa minha feiura, pouco me importaria também com esta doença se ela quisesse me levar a galope; eu não pediria nada melhor do que partir bem rápido com ela; mas rastejar lentamente para o túmulo, embrutecendo-me durante o percurso, eis a que eu não posso consentir. Minha moral ainda se mantém; minha cabeça está lúcida apesar de todos os males que, em regra, fazem dela sua residência; minha vontade, espero, não se dobrará nunca; meu coração parece de pedra, é verdade, mas dêem-me a possibilidade de agir e ele resistirá. Nunca, segundo me parece, tive tantas idéias, nunca senti uma sede tão ardente de movimento e de ação. Eu, portanto, ainda não estou completamente morto, mas esta vida da alma que, ao se concentrar, tornou-se mais profunda, mais possante talvez, mais desejosa de se manifestar, torna-se para mim uma fonte inexaurível de tormentos que eu sequer tentarei descrever. Vocês não

* Fortaleza Pedro e Paulo. Fevereiro de 1854. Kornilov, Gody Stranstvij, op.cit. pp.495-496.

compreenderão nunca o que é sentir-se enterrado vivo; dizer-se a todo instante na noite assim como durante o dia: eu sou um escravo, estou anulado, reduzido à impotência por toda a vida, por escutar mesmo da minha cela o murmúrio da grande luta que se prepara, de uma luta em que se decidirão as mais importantes questões da humanidade, e ter de permanecer imóvel e mudo. Ser rico de pensamentos, dentre os quais pelo menos uma parte poderia ser útil, e não poder realizar nenhum; sentir o amor no coração, sim, amor, apesar desta petrificação exterior, e não poder derramá-lo sobre nada ou sobre ninguém. Enfim, sentir-se pleno de devoção, capaz de todos os sacrifícios, de heroísmo mesmo, para servir uma causa mil vezes santa e ver todos estes arrebatamentos se quebrarem contra quatro muros nus, minhas únicas testemunhas, meus únicos confidentes! Eis minha vida! E tudo isso não é nada em comparação com uma idéia igualmente terrível: a do idiotismo que está fatalmente no fim de semelhante existência; tranquem o maior gênio numa prisão isolada como a minha e vocês verão que após alguns anos um Napoleão se tornará estúpido, e Jesus Cristo, ele próprio, perverso; eu que não sou grande como Napoleão, nem infinitamente bom como Jesus Cristo, precisaria de muito menos tempo para me embrutecer completamente. Não é verdade que a perspectiva é gozadora? Eu ainda estou, e não me lisonjeio, de posse de todas as minhas faculdades intelectuais e morais; mas sei que isto não pode durar tanto tempo assim; minhas forças físicas já se enfraqueceram muito; em breve será a vez de minhas forças interiores. Eu espero que vocês compreendam que todo homem que se respeite um pouco deve preferir a mais cruel morte a esta lenta e desonrosa agonia. Ah! Meus queridos amigos, creiam no que digo, qualquer morte é preferível ao isolamento tão enaltecido pelos filantropos americanos. Por que esperei tanto tempo? Quem poderá dizê-lo; vocês não sabem o quanto a esperança é tenaz no coração do homem. Qual, vocês me perguntarão? A de poder recomeçar aquilo que já me trouxe aqui, somente com mais sabedoria e mais cautela talvez, pois a prisão teve pelo menos isso de bom para mim, ela me deu o jazer e o hábito de refletir, ela, por assim dizer, solidificou meu espírito; mas ela nada mudou de meus antigos sentimentos, ela, ao contrário, os tornou mais ardentes, mais resolutos, mais absolutos do que nunca, e de agora em diante tudo o que me resta de vida se resume numa única palavra: liberdade.

FRAGMENTO DA CONFISSÃO

CARTA AO CZAR NICOLAU I*

Não digo que eu fosse desprovido de amor-próprio, mas jamais este sentimento me dominou; ao contrário, fui obrigado a lutar contra mim mesmo e contra minha natureza toda vez que me preparava para falar publicamente ou mesmo para escrever para o público. Eu não tinha também esses vícios enormes, ao modo Danton ou Mirabeau, eu não conhecia essa depravação ilimitada e insaciável que, para se satisfazer, está pronta a chocar o mundo inteiro. E se eu sofresse de egoísmo, este egoísmo seria unicamente necessidade de movimento, necessidade de ação. Sempre houve em minha natureza um defeito capital: o amor pelo fantástico, pelas aventuras extraordinárias e inauditas, ações abrindo à visão de *horizontes ilimitados* e das quais ninguém pode prever onde vai desembocar. Numa existência ordinária e

* Petersburgo, Fortaleza Pedro e Paulo. 1851.

calma eu sufocava, sentia-me mal em minha pele. Os homens procuram ordinariamente a tranqüilidade e a consideram como o bem supremo; no que me concerne, ela me mergulhava no desespero; minha alma se encontrava em perpétua agitação, exigindo ação, movimento e vida. Eu deveria ter nascido em algum lugar nas florestas americanas, entre os colonos do Far West, lá onde a civilização está ainda em seu início e onde toda existência nada mais é do que uma luta incessante contra homens selvagens e contra a natureza virgem, e não numa sociedade burguesa organizada. E, também, se desde minha juventude o destino tivesse querido fazer de mim um marinheiro, eu seria ainda hoje, provavelmente, um bom homem, eu não teria pensado na política e não teria procurado outras aventuras e tempestades a não ser as do mar. Mas o destino decidiu de outra forma e minha necessidade de movimento e de ação permaneceu insatisfeita. Esta necessidade, junta, em seguida, à exaltação democrática, foi, por assim dizer, minha única motivação. No que concerne a esta exaltação, ela pode ser definida em poucas palavras: o amor pela liberdade e um ódio invencível por toda opressão, ódio ainda mais intenso quando esta opressão dizia respeito a outra pessoa, e não a mim mesmo. Procurar minha felicidade na felicidade do outro, minha dignidade pessoal na dignidade de todos aqueles que me cercavam, ser livre na liberdade dos outros, eis todo meu credo, a aspiração de toda minha vida. Eu considerava como o mais sagrado dos deveres o de me revoltar contra toda opressão, fosse o autor ou a vítima. Sempre houve em mim muito de Dom Quixote, não somente na política, mas também em minha vida privada; eu não podia ver, com olhar indiferente, a mínima injustiça, e, por uma razão ainda mais forte, uma gritante opressão; algumas vezes, sem ter a competência nem o direito, eu me intrometi, de modo irrefletido, nos problemas dos outros e cometi, também, durante uma existência agitada, mas vazia e inútil, muitas besteiras, incorri em muitas contrariedades e fiz inúmeros inimigos, sem odiar, por assim dizer, ninguém. Eis, Sire, a verdadeira chave de todos meus atos insensatos, de meus pecados e de meus crimes. Se falo disso com esta segurança e com esta clareza, é que eu tive, durante estes dois últimos anos, bastante tempo para estudar a mim mesmo e para refletir sobre meu passado; agora me vejo com indiferença, como se pode ver um moribundo ou um morto.

O EXÍLIO NA SIBÉRIA

CARTA A ALEXANDRE HERZEN*

Caro Herzen. Já faz sete meses que eu te escrevi uma longuíssima carta de vinte páginas. Por diversas razões, ela não chegou até você. Foi a primeira manifestação de uma voz que voltou a ser livre após um longo silêncio. Hoje, serei mais breve. Inicialmente, deixa-me ressuscitar dentre os mortos, agradecer a você pelas nobres e simpáticas palavras que, pela imprensa, você disse sobre mim durante minha triste detenção. Elas atravessaram os muros que me isolavam do mundo e me trouxeram muito reconforto. Você havia me enterrado, mas ressuscitei, graças a Deus, vivo e não morto, pleno desse mesmo amor apaixonado pela liberdade, pela lógica, pela justiça, que foi e que é ainda agora toda a razão de ser de minha vida. Oito anos de reclusão em diversas fortalezas fizeram com que eu perdesse meus dentes, mas não enfraqueceram minhas convicções, ao contrário, elas se fortaleceram; nas fortalezas tem-se tempo para refletir; os sentimentos que foram os mobiles de toda minha juventude,

* Irkutsk. 7 de novembro de 1860. Pis'ma M.A. Bakunina K.A.I. Gercenu I.N.P. Ogarevu, Ed. M.P. Dragomanov, Genève, 1896, PP.3-4.

concentraram-se, clarificaram-se, tornaram-se por assim dizer mais sensatos e, segundo me parece, mais capazes de se manifestar na prática. Libertado da fortaleza de Schlüsselburg, há quase quatro anos, recuperei igualmente a saúde; eu estou casado, feliz, em família e, apesar disso, pronto como antes, e mesmo com a paixão de outrora, a me lançar em meus antigos pecados, desde que a ocasião se apresente. Retomo por minha conta as palavras de Fausto: *Estou muito velho para somente me divertir, muito jovem para estar sem desejos*. E o futuro, mesmo o futuro próximo, parece prometer muito.

CARTA A ALEXANDRE HERZEN*

Tenho a intenção de enviar a você, em breve, um jornal detalhado de meus *atos e gestos*, desde nosso último adeus da Avenida Marigny, mas hoje eu direi algumas palavras de minha presente situação. Preso um ano em Saxe, inicialmente em Dresde, depois em Königstein, aproximadamente um ano em Praga, cinco anos em Olmutz, completamente acorrentado e, em Olmutz, até mesmo acorrentado ao muro, fui em seguida transportado para a Rússia. Na Alemanha e na Áustria minhas respostas às questões foram muito curtas: “Vocês conhecem meus princípios, eu os publiquei e fi-los conhecer em alta e inteligível voz; eu quis a unidade de uma Alemanha democrática, a libertação dos eslavos, a destruição de todos os reinos cimentados pela violência, antes de tudo, a destruição do império austríaco; apanhado de armas na mão, vocês têm muitos elementos para me julgar. Eu não responderei mais a nenhuma de suas questões”. Em maio de 1851 fui transferido para a Rússia, diretamente para a fortaleza Pedro e Paulo, na fortificação Aleksei, onde permaneci encarcerado por três anos. Dois meses após minha chegada, o conde Orlov veio ver-me em nome do monarca. “O soberano me enviou a você e me ordenou dizer-lhe: “Diga-lhe que me escreva, como um filho espiritual escreve a um pai espiritual”; você quer escrever?”

Eu refleti um pouco e disse a mim mesmo que, diante de um júri, num processo público, eu deveria manter meu papel até o fim, mas entre quatro paredes, à mercê do urso, eu podia sem vergonha suavizar as formas; pedi então prazo de um mês; eu aceitei - e efetivamente escrevi um tipo de confissão, alguma coisa no tipo de *Dichtung und Wahrheit*; meus atos eram, por sinal, tão manifestos, que eu não tinha nada a esconder. Após ter, em termos gentis, agradecido ao monarca por sua complacente atenção, acrescentei: “Sire, Vós quereis que eu vos escreva minha confissão, está certo, eu a escreverei, mas sabeis que na confissão ninguém é obrigado a declarar os pecados de outro. Após meu naufrágio, só me resta um único tesouro, a honra e o sentimento de que não traí nenhum daqueles que confiaram em mim; conseqüentemente, não delatarei ninguém”. Dito isso, com algumas exceções, contei a Nicolau toda minha vida no estrangeiro, inclusive todos os meus projetos, impressões e sentimentos, o que fez com que ele apresentasse múltiplas observações edificantes em relação à sua política interior e exterior. Minha carta, que levava em consideração, inicialmente, a situação perfeitamente clara e aparentemente sem saída na qual eu me encontrava e, por outro lado, o caráter enérgico de Nicolau, era escrita de modo muito firme e determinado - e foi por isso que ela lhe agradou muito. Por que, no fundo, eu lhe sou agradecido? É que após tê-la recebido, ele nunca mais me interrogou sobre assunto nenhum. Encarcerado durante três anos na fortaleza Pedro e Paulo, fui transferido no início da guerra de 1854 para Schlüsselburg, onde permaneci detido ainda três anos. Atingido pelo escorbuto, perdi todos os meus dentes. A prisão perpétua é uma coisa terrível, levar uma vida sem objetivo, sem esperança, sem interesse. Dizer a si mesmo todos os dias: “Eu me tornei hoje um pouco mais imbecil e amanhã serei ainda mais imbecil”. Com

uma horrorosa dor de dentes que durava semanas e voltava pelo menos duas vezes por mês; não podendo dormir de dia nem de noite, fizesse o que fizesse, lesse o que lesse; e mesmo durante o sono sentir no coração e no fígado uma dor alucinante, com este sentimento fixo: eu sou um escravo, eu sou um morto, eu sou um cadáver. Entretanto, não perdi a coragem; se a religião se manteve em mim, ela se desmoronou definitivamente nas fortalezas. Eu só tinha um desejo: não capitular, não me resignar, não me abaixar até procurar um consolo em não sei qual engano, guardar até o fim, intacto, o sentimento sagrado da revolta. Morto Nicolau, pus-me a esperar mais vivamente. Houve a coroação, a anistia. Alexandre Nikolaevitch, de seu próprio punho, riscou meu nome da lista que lhe haviam apresentado; e quando, um mês mais tarde, minha mãe lhe implorou que me concedesse o perdão, ele lhe respondeu: “Saiba, Senhora, que enquanto vosso filho viver, jamais ele poderá ser livre”. Depois disso, eu prometi a meu irmão Alexei, que tinha ido me visitar, aguardar com paciência ainda um mês; passado este prazo, se eu não tivesse recuperado a liberdade, meu irmão prometia me trazer veneno. Um mês se esgotou: recebi uma intimação para escolher entre a fortaleza ou a deportação para a Sibéria. É claro que escolhi a deportação. Minha libertação da fortaleza não foi obtida facilmente; o monarca, teimoso como uma mula, recusou diversas vezes; um dia, entrou no gabinete do príncipe Gorchakov (o ministro das Relações Exteriores), com um carta na mão (precisamente a carta que eu escrevera em 1851 a Nicolau) e lhe disse: “Mas eu não vejo o mínimo arrependimento nesta carta”; o idiota, ele queria um *arrependimento!* Finalmente, em março de 1857, sal de Schluselburg; passei uma semana nos locais da III Seção e, com o consentimento do monarca, vinte e quatro horas com a minha família, no campo; em abril, fui conduzido a Tomsk. Vivi lá aproximadamente dois anos e conheci uma encantadora família polonesa, cujo pai, Ksaverii Vasilievitch Kwiatkowski trabalha na indústria aurífera. A uma versta¹ da cidade, no campo, ou, como se diz na Sibéria, nas terras de Astangovo, esta família habitava numa pequena casa, onde a vida passava na tranqüilidade e no respeito das velhas tradições e costumes. Tomei o hábito de ir lá todos os dias e propus-me a ensinar o francês, etc., às duas moças; liguei-me efetivamente com minha esposa, ganhei sua inteira confiança (eu a amei apaixonadamente, ela também estava apaixonada por mim), de modo que a desposi; e já faz dois anos que estou casado e muito feliz. É bom viver não para si, mas para um outro, sobretudo quando este outro é uma mulher gentil; eu me entreguei inteiramente a ela e, de seu lado, ela divide pelo coração e pelo espírito todas as minhas aspirações. Ela é polonesa, mas não é católica por convicções; de modo que ela também está isenta de fanatismo político; é uma patriota eslava. O governador-geral da Sibéria ocidental, Hasford, solicitou, sem que eu tivesse conhecimento, o consentimento do monarca para que eu tivesse um emprego civil, primeiro passo rumo à minha libertação da Sibéria; mas eu não me resolvi a aproveitar disso; pareceu-me que carregando a insígnia com as cores nacionais perderia minha pureza e minha inocência; assim, fiz os contatos para obter minha transferência para a Sibéria Oriental e foi com grande dificuldade que eles deram bons resultados; souberam das simpatias que teria por mim Muraviev, que veio me descobrir em Tomsk, e manifestou abertamente, publicamente, sua estima. Por muito tempo não consentiram (na minha transferência), finalmente tive o consentimento. Em março de 1859, instalei-me em Irkutsk, onde entrei para o serviço da Companhia (fluvial) do Amur, que tinha acabado de ser fundada; no verão seguinte, naveguei por toda a Transbaicália, mas no início de 1860 deixei a Companhia, convencido de que nada havia a aproveitar disso. Neste momento, procuro um emprego na indústria aurífera, com Benardaki; minhas tentativas ainda não deram resultado; eu gostaria de não precisar do apoio de meus irmãos. Eles não são ricos; além do mais, sem esperar a decisão de Petersburgo, eles emanciparam seus camponeses; eles lhes deram terras e fizeram todos os trabalhos através da mão-de-obra remunerada, o que resultou numa grande perda de capital. De qualquer modo, eu

¹ Medida russa, equivale a 1.067 metros.

vivo aqui em condições bastante difíceis, mas espero que meus negócios não demorem a melhorar.

PROGRAMA PARA UM PROJETO DE REVISTA

CARTA A PETR LAVROV*

Muito estimado Petr Lavrovitch,

Após um longo silêncio, é-me finalmente possível responder concretamente às vossas questões concretas. A carta que me escrevestes encontrou nosso pequeno grupo numa crise passageira. Antes que eu pudesse vos responder, tínhamos necessidade de definir e esclarecer muitas coisas e ao mesmo tempo, nos livramos de outras.

Eu posso hoje vos dar certeza de que rompemos definitivamente todas nossas relações com Sr. Netchaev; de agora em diante, ele não terá mais nada a ver, nem direta, nem indiretamente, com tudo aquilo que nós pudermos empreender. Nosso amigo em comum, Sazin, portador desta carta, vos explicará as razões dessa ruptura.

Ele vos dirá, dando todos os detalhes necessários, sobre que bases e com quais esperanças, sob que formas e com qual programa, Ogarev e eu pensamos publicar uma revista mensal, a qual terá, em cada número, quatro folhas, e que não lançaremos antes de termos juntado uma quantia para pagar pelo menos os seis primeiros números.

Nosso programa será revolucionário-socialista e, tanto quanto seja possível, vivo, mas ponderado e moderado na forma, ainda que enérgico e rigorosamente lógico em seu conteúdo. As grandes palavras, as frases ruidosas e, em geral, o tom declamatório serão banidos da revista. Eis os principais pontos de nosso programa:

1. O ateísmo. A negação de toda religião e de todas as crenças, as quais serão substituídas pelo saber positivo e pela ciência viva, fundada na razão e isenta de todo caráter doutrinário.

2. A negação do estatismo sob todas suas formas e em todas suas manifestações, assim como a negação do direito codificado de propriedade e do direito familiar e sua substituição, de baixo para cima, por uma regularização social e internacional por intermédio de uma livre federação das artérias econômicas, das comunas, dos cantões, dos distritos, das regiões e dos países, fundada no trabalho e na propriedade coletivos; substituição do direito jurídico pelo direito humano de todos e de cada um à vida e ao pleno desenvolvimento humano.

3. De acordo com estes princípios, guerra implacável ao individualismo burguês, quer dizer, aos privilégios, mas ao mesmo tempo ao comunismo autoritário, ditatorial e estatal de Marx e de toda a escola alemã; guerra ao coletivismo organizado de cima para baixo por qualquer comitê revolucionário ou poder central oficial. Ao contrário, aceitação do desenvolvimento autônomo e da organização das massas operárias por elas próprias, sob o efeito da ciência, tornada cada vez mais acessível ao povo, e da propaganda viva, teórica e prática, pelos círculos revolucionários clandestinos, unidos uns aos outros por uma única e mesma idéia, por um único e mesmo objetivo, e disseminados tanto quanto possível em todos os países.

* Genebra, 15 de julho de 1870.

4. A nacionalidade, com todas as suas diferenças etnográficas, econômicas, históricas e culturais, suas características e seus traços particulares constitui, para nós, não um direito ou um princípio, mas um fato histórico natural que não se pode abstrair e que é preciso levar em conta se se quiser agir de modo prático e não abstrato. Reconhecendo que as tarefas da revolução social são em todos os lugares as mesmas, a saber: a humanização da sociedade, da nação, dos indivíduos, estamos ao mesmo tempo convencidos que a solução deste problema nos diferentes grupos nacionais revestirá as formas mais diversas, sendo estes grupos o produto não de um ideal inventado inteiramente, ou importado do estrangeiro por indivíduos ou círculos, mas da situação particular, da mentalidade e da evolução histórica de cada grupo.

5. Por exemplo, acreditamos que na Rússia e em alguns outros países, eslavos ou não (Hungria, Itália meridional, Espanha), não ⁽²⁾ entregues à influência da civilização urbana e manufatureira do Ocidente, o socialismo dos campos levará a melhor sobre o socialismo das cidades.

6. Reconhecemos, com a escola de Comte, que não se pode ir contra os fatos e as situações nacionais engendradas pela história, que esses fatos e essas situações estão submetidos à sua própria e inflexível lógica, mais forte do que os indivíduos e os grupos. Mas reconhecemos ao mesmo tempo o direito à propaganda revolucionária e a utilidade desta propaganda, assim como o direito à ação revolucionária secretamente organizada dos indivíduos e dos círculos, tomando por base que estes últimos não caíram do céu, mas fazem parte da mesma realidade, eles são modelados por ela e, à sua maneira, ainda que sob uma forma reduzida, exprimem esta realidade, sob a condição, evidentemente, de que círculos e indivíduos estudem atentamente, escrupulosamente e *sem se causar a mínima ilusão*, a realidade sobre a qual eles querem agir.

7. Encaramos o Estado, em sua atual fase de evolução, como um produto esclerosado e inorgânico do processo vital dos povos e como uma engrenagem à parte do organismo vivo deles. A força do Estado, sendo hoje uma força pura e exclusivamente mecânica, diretamente antipopular, cujos únicos pilares são a polícia e o exército, faremos concentrar todos os esforços dos indivíduos e dos círculos revolucionários na abolição do Estado pela organização da força espontânea do povo.

8. Assim, também, coloquemos a abolição do Império da Rússia como condição primeira de todo progresso real deste país.

Eis, em seus traços essenciais, o nosso programa. Na prática, estamos certamente em desacordo. Vós não me escrevestes dizendo que acreditáveis ainda nas reformas governamentais positivas? Quanto a nós, pensamos que o governo, e de uma maneira geral o Estado, só poderia fazer uma única coisa útil: por fim à sua existência, e estamos bem decididos a orientar nossa propaganda neste sentido. Mas se estamos em desacordo na prática, não há nenhuma dúvida que, no plano teórico, nossas divergências são mínimas ou nulas; e partindo desta convicção, eu faço, em nome de meus amigos, um apelo, muito estimado Petr Lavrovitch, à vossa colaboração. Vosso nome, venerado na Rússia, daria um enorme peso à nossa revista. Mas é pouco provável que vós nos autorizais a utilizá-lo. E, por sinal, nós sequer ousaríamos pedi-lo; mas ficaríamos profundamente agradecidos se de vez em quando vós aceitásseis nos enviar artigos teóricos, por exemplo, sobre a religião, a metafísica, o bom Deus, ou contra o idealismo e pelo materialismo racional, assim como sobre a condição e o desenvolvimento econômicos dos povos, russos ou não, do império da Rússia. Se tal é o vosso desejo, vosso nome e vossa colaboração em nossa revista serão mantidos secretos, conhecidos somente por um pequeno número de pessoas sérias que constituem nosso círculo.

Tal é o lado teórico de nosso empreendimento. Não preciso dizer que podeis ter confiança, no plano prático, em meus amigos e em mim mesmo. Eu não ignoro que certas coisas que vos tenha podido contar o Sr. Lopatin podem ter suscitado em vós mais desconfiança do que

² Ilegível.

confiança. Deixo a **Sazin** o cuidado de dissipar os erros de julgamento que possam ter ancorado em vosso Intimo.

Eu termino, pois, esta carta, assegurando-vos sinceramente que tudo o que sei de vós fez nascer em mim uma viva simpatia e um profundo respeito por vossa pessoa, que vossa colaboração em nossa revista seria para nós preciosa e que eu ficaria feliz se o destino quisesse que eu vos encontrasse.

A REVOLUÇÃO SOCIAL NA FRANÇA

CARTA A ALBERT RICHARD*

Caro amigo e irmão.

Circunstâncias independentes de minha vontade impedem-me de ir tomar parte na vossa grande Assembléia de 13 de março. Mas eu não gostaria de deixá-la passar sem exprimir a meus irmãos da França meu pensamento e meus votos.

Se eu pudesse assistir a esta imponente reunião, eis o que eu diria aos operários franceses, com toda a franqueza *bárbara* que caracteriza os democratas socialistas russos.

Trabalhadores, contem agora somente convosco. Não vos desencorajeis e não paraliseis vossa potência ascendente através de alianças de enganados com o radicalismo burguês. A burguesia nada mais vos tem a dar. Política e moralmente ela está morta, e ela só conservou, de todas suas magnificências históricas, uma única força, a da riqueza fundada sobre a exploração de vosso trabalho. Outrora ela foi grande, foi audaciosa, foi possante em pensamento e em vontade. Ela tinha um mundo a derrubar, um mundo novo a criar, o mundo da civilização moderna.

Ela derrubou o mundo feudal com vossos braços e fundou seu novo mundo sobre vossos ombros. Ela quer, naturalmente, que vós não deixeis nunca de servir de cariátides a este mundo. Ela quer conservação dele, e vós quereis, vós deveis querer, sua derrubada e sua destruição. O que há de comum entre vós?

Levareis a ingenuidade até o limite de acreditar que a burguesia consentirá algum dia em se despojar voluntariamente do que constitui sua prosperidade, sua liberdade e sua própria existência como classe separada da massa economicamente escravizada do proletariado? Sem dúvida que não. Vós sabeis que nenhuma classe dominante jamais fez justiça contra ela própria, que sempre foi preciso forçá-la. Esta famosa noite de 4 agosto, na qual concedeu muita honra à nobreza francesa, não foi consequência forçada da revolta geral dos camponeses que queimaram os títulos mobiliários, e com estes títulos os castelos?

Vós sabeis muito bem que, ao invés de vos conceder as condições de igualdade econômica séria, as únicas que vós podereis aceitar, eles rejeitarão fazê-lo mil vezes, sob a proteção da mentira lamentar, e, se necessário, sob a de uma nova ditadura militar.

Mas então o que vós podeis esperar do republicanismo burguês? O que ganhareis aliando-vos com ele? Nada, e perdereis tudo, pois não podereis aliar-vos com ele sem abandonar a santa causa, a única grande causa, hoje: a da emancipação integral do proletariado.

Já é tempo de proclamardes uma ruptura completa. Vossa salvação está sujeita a este preço.

* Genebra - 12 de março de 1870. Biblioteca de Lyon.

Significa dizer que devereis rejeitar todos os indivíduos nascidos e criados no seio da classe burguesa, mas que, tocados pela justiça de vossa usa, virá a vós para servir esta causa e para vos dar a fazê-la triunfar? Bem ao contrário, recebei como amigos, como iguais, como irmãos, desde que sua vontade seja sincera e que eles vos tenham dado garantias tanto teóricas quanto práticas da sinceridade de suas convicções. Em teoria, eles devem proclamar em voz alta e sem nenhuma reticência todos os princípios, conseqüências e condições de uma igualdade econômica e social séria, de todos os indivíduos. Na prática, eles devem ter resoluta e definitivamente rompido todas as relações de interesse, de sentimento e de vaidade com o mundo burguês, que está condenado a morrer.

Vós trazeis convosco, hoje, todos os elementos da força que deve renovar o mundo. Mas os elementos da força não são ainda a força. Para constituir uma força real, eles devem estar organizados; e para que esta organização esteja conforme à sua origem e a seu objetivo, ela não deve receber em seu seio nenhum elemento estranho. Vós deveis portanto manter afastado dela tudo o que pertence à civilização, à organização jurídica, política e social da burguesia. Mesmo se a política burguesa fosse vermelha como o sangue, e quente como o ferro em brasa, se ela não aceitasse como objetivo imediato e direto a destruição da propriedade jurídica e do Estado político, os dois baluartes sob os quais se apóia toda a dominação burguesa, seu triunfo só poderia ser fatal à causa do proletariado.

A burguesia, por sinal, que chegou ao último grau de impotência intelectual e moral, é incapaz de fazer hoje uma revolução por ela própria. Somente o povo a quer e terá a força para fazê-la. O que quer, pois, esta parte avançada da classe burguesa, representada pelos liberais ou pelos democratas exclusivamente políticos? Ela quer se apoderar da direção do movimento popular para usá-lo mais uma vez em seu proveito, ou, como eles próprios o dizem, para salvar as bases do que eles chamam de civilização, quer dizer, os próprios fundamentos da dominação burguesa.

Os operários desejarão mais uma vez representar o papel dos enganados? Não. Mas para não se tornar enganados o que devem fazer? Abster-se de qualquer participação no radicalismo burguês e organizar fora dele as forças do proletariado. A base desta organização está dada: são as oficinas e a federação das oficinas; a criação das caixas de resistência, instrumentos de luta contra a burguesia, e sua federação não somente nacional, mas internacional; a criação das câmaras de trabalho, como na Bélgica.

E quando a hora da revolução tiver soado, teremos a liquidação do Estado e da sociedade burguesa, incluindo todas as relações jurídicas. A anarquia, quer dizer, a verdadeira, a franca revolução popular: a anarquia jurídica e política, a organização econômica de baixo para cima e da periferia ao centro, o mundo triunfante dos trabalhadores.

E, para salvar a revolução, para conduzi-la a um bom fim, no meio mesmo desta anarquia, é necessária a ação de uma ditadura coletiva, invisível, não revestida de uma força qualquer, mas, sim, eficaz e possante, ação natural de todos os revolucionários socialistas, enérgicos e sinceros, disseminados sobre toda a superfície do país, mas unidos fortemente por um pensamento e por uma vontade comum.

Tal é, meu caro amigo, segundo meu pensamento, o único programa cuja aplicação ousada trará não novas decepções, mas o triunfo definitivo do proletariado.

CARTA A ALPHONSE ESQUIROS*

* Cercanias de Marselha. 20 de outubro de 1870. Instituto Internacional de História Social de Amsterdã.

Cidadão e Senhor,

Eu tive a honra de vos endereçar, por um de meus amigos de Marselha, uma brochura que publiquei sob o título: *Lettres à un Français sur la crise actuelle*.

Ela contém cartas escritas no mês de agosto, bem antes da capitulação de Sedan. Mas o editor, meu amigo, que as encurtou singularmente, para não dizer que as castrou, acreditando sem dúvida que ainda não era o momento para dizer toda a verdade, achou por bem também datá-las de setembro.

Estas cartas - endereçadas a um amigo, ao cidadão Gaspard Blanc de Lyon, um dos jovens mais devotados ao bem da França que encontrei, e que o Sr. Challemel-Lacour, comissário extraordinário, mantém na prisão sob a acusação ridícula e odiosa de ser um agente dos prussianos - vos provarão, espero, cidadão Esquiros, que eu também não sou nem o amigo, nem o partidário do rei da Prússia, nem de nenhum déspota do mundo.

O Sr. Challemel-Lacour e o Sr. Andrieux, Procurador da República em Lyon, ousaram levantar contra mim esta calúnia infame. Certo, não serei eu que me queixarei da vivacidade da polêmica entre partidos que se combatem. Aliás, não teria o direito de fazê-lo, pois eu também, quando e tanto quanto eu pude, mostrei-me impiedoso pelos interesses, pelos homens e pela organização política e social da qual esses Senhores aparecem, hoje, como os defensores naturais, em detrimento do bem da França, e que em seu conjunto constituem a nefasta potencialidade atual da burguesia. Ataquei duramente os princípios e os, por assim dizer, direitos de meus adversários em política e em socialismo. Mas jamais atingi as pessoas, e sempre tiver horror à calúnia.

É um meio tão cômodo, não é verdade, o de lançar hoje esse epíteto de prussianos a todos os homens que têm a infelicidade de não poder dividir um entusiasmo encomendado por esses falsos salvadores da França, cujas inércia, incapacidade e impotência enfatuada, em si mesma, destroem a França.

Uma outra pessoa que não vós, cidadão Esquiros, teria podido me perguntar: em que isto vos pode interessar, a vós que sois estrangeiros? Ah!, senhor, é preciso que eu vos prove que a causa da França tomou-se a do mundo; que a derrota e a decadência da França serão a derrota e a decadência da liberdade, de tudo o que é humano no mundo? Que o triunfo definitivo da idéia e da força da Prússia, militares e burocráticas, nobiliárias e jesuiticamente protestantes, será a maior infelicidade que possa atingir toda a Europa. Se a Prússia vence, isto acontecerá com a humanidade européia pelo menos por cinquenta anos; para nós, velhos, só nos restará morrer. E lamentável! Eu deveria reconhecer que meu amigo, já falecido, Alexandre Herzen, teve razão, após as nefastas jornadas de junho de 1848, - jornadas durante as quais a burguesia de Paris e da França erigiram o trono de Bonaparte sobre as ruínas das esperanças e de todas as aspirações legítimas do proletariado, - que ele teve razão ao proclamar que a Europa ocidental dali em diante estava morta, e que para a renovação, para a continuação da história, só restavam duas fontes: a América, de um lado, e, do outro, a barbárie oriental.

Advogado, não de vosso mundo burguês oficial, mundo que eu detesto e que desprezo de todo meu coração, mas da revolução ocidental, eu sempre defendi esta revolução contra ele. Após ter sido um dos ardentes adeptos desta revolução, ele não acreditava mais, de forma alguma. Eu continuava a acreditar nela, apesar da catástrofe, apesar do crime cometido pela burguesia em junho. Ele dizia que a Europa ocidental estava, a partir dali, petrificada e podre, que ela se tinha tornado temerosa e covarde, sem fé, sem paixão, sem energia criadora, como outrora o Baixo-Império. Eu concordei com ele em relação à vossa civilização burguesa, mas objetei-lhe que na Europa ocidental, abaixo da burguesia, havia um mundo bárbaro *sui generis*: o proletariado das cidades e os camponeses que, não tendo abusado e nem mesmo usado da vida, não tendo sido depravados nem sofisticados por esta civilização caduca, mas, ao

contrário, continuando a ser moralizados sempre por um trabalho que, por mais oprimido e por mais escravo que seja, não é menos, por isso, uma fonte viva de inteligência e de força, estão ainda cheios de futuro; e que por consequência não havia necessidade de uma invasão da barbárie oriental para renovar o ocidente da Europa, tendo o ocidente em suas regiões subterrâneas uma barbárie própria que a renovaria na hora devida.

Herzen não acreditava em nada disso, e ele foi morto por seu ceticismo, muito mais que por sua doença. Eu, ao contrário, estava cheio de fé; eu fui socialista-revolucionário não somente na teoria, mas na prática; quer dizer que eu tive fé na realização da teoria socialista, e foi por causa disso mesmo que sobrevivi a ele. Eu fui e sou socialista, não somente porque o socialismo é a liberdade **real**, é a igualdade **real** e é a fraternidade **real**, e é a justiça humana e universal, - mas ainda por uma consideração de fisiologia social.

Eu sou socialista porque cheguei à conclusão de que todas as classes que constituíram, até aqui, por assim dizer, as grandes personagens, agentes e vivas, da tragédia histórica, estão mortas. A nobreza está morta; a burguesia está morta e podre. Ela prova isso muito bem atualmente. O que resta? Os camponeses e o proletariado das cidades. Somente eles podem salvar a Europa do militarismo e da burocracia prussianos, estes dois aliados e primos do cnete de meu caro imperador de todas as Rússias.

O que eu vejo hoje na França me mergulha num estado próximo ao desespero. Eu começo a temer, com Herzen, que os camponeses e o proletariado, na França, na Europa, também estejam mortos. E então? Então a França está perdida, a Europa está perdida.

Mas, não! Durante minha curta presença em Lyon e nas cercanias de Marselha, eu vi, eu senti que o povo não estava morto. Ele possui todos os grandes instintos e todas as possantes energias de um grande povo; o que lhe falta é a organização e a justa direção; não esta direção e esta organização que lhe caem de cima, pela autoridade do Estado, seja recomendada por Sua Majestade imperial, Napoleão III, seja por Sua Majestade republicana, o senhor Gambetta; mas esta organização e esta direção que se formam a partir de baixo, e que são a própria expressão da vida e da ação populares.

É evidente, cidadão Esquiros, que para vos endereçar semelhante carta, é preciso que eu tenha grande fé em vós. E sabeis por que tenho esta fé? Jamais tive a honra de vos encontrar, mas li vossos escritos e conheço vossa vida. Sei que jamais temestes ser um revolucionário conseqüente, que nunca vos desmentistes, e que jamais sacrificastes a causa do povo por considerações de classe, partido, ou por vaidades pessoais. Enfim, Senhor, fostes o único a propor, nesse infeliz Corpo Legislativo, após os desastres que destruíram o exército francês, e, permitai que eu vos diga, no meio da covardia e da estupidez manifestadas por todos vossos colegas da esquerda, - os mesmos que formam hoje o governo da Defesa Nacional, - o único meio que restava para salvar a França: o de provocar, por uma proclamação feita em nome do Corpo Legislativo, a organização espontânea de todas as comunas da França, *fora de qualquer tutela administrativa e governamental do Estado*. Vós quereis proclamar, numa palavra, a liquidação, ou mesmo a simples constatação da ruína total e da não existência do Estado. Vós teríeis colocado a França, por esta iniciativa mesmo, em estado de revolução.

Eu sempre compreendi, e a esta hora deve ter se tornado evidente para todo mundo, que fora deste remédio heróico não pode haver salvação para a França. Os advogados que compõem vosso governo atual pensaram de outra forma. Privados de todos os meios que constituem a força de um Estado, eles quiseram - pobres inocentes! - brincar de governo do Estado. Com este jogo eles paralisaram toda a França. Eles lhe proibiram o movimento e a ação espontânea, sob o pretexto ridículo, e, dadas as circunstâncias presentes, criminoso, de

que eles, os únicos representantes do Estado, devem ter o monopólio do pensamento, do movimento, da ação. Obsedados pelo temor de ver o Estado desmoronar e desmanchar-se em suas mãos, eles guardaram, para conservá-lo, toda a antiga administração bonapartista, militar, judiciária, comunal e civil; e forçaram sua confiança imbecil neles próprios, sua criminosa fatuidade pessoal até o ponto de acreditar que, a partir do momento que estivessem no poder, os próprios bonapartistas, essas pessoas ligadas irrevogavelmente ao passado pela solidariedade do crime, se transformariam em patriotas e em republicanos. Para paliar este erro e para corrigir suas funestas conseqüências, eles enviaram, a todos os lugares, comissários extraordinários, prefeitos, subprefeitos, advogados gerais e procuradores da república, pálidos republicanos, bastardos de Danton, como eles; e todos estes pequenos advogados, todos estes arrogantes de luvas do republicanismo burguês, o que eles fizeram? Fizeram a única coisa que poderiam ter feito: aliaram-se em todos os lugares à reação burguesa contra o povo; matando o movimento e a ação espontânea do povo, mataram toda a França. Agora a ilusão não é mais possível. Já faz quarenta e seis dias que a República existe: o que fizeram para salvar a França? Nada - e o prussiano continua a avançar.

Tal foi o pensamento, cidadão, e tais foram os sentimentos que presidiram a formação do Comitê da Salvação da França, em Lyon, que ditaram sua proclamação, que levaram meus amigos a fazerem essa tentativa de 28 de setembro, que fracassou, não temo em dizê-lo, para a infelicidade da França.

Vários dentre meus amigos, em cartas que endereçaram ao *Progrès* de Lyon, tiveram a fraqueza de negar o objetivo real desta manifestação fracassada. Eles erraram. Em tempos como o atual, no meio do qual vivemos, deve-se ter, mais do que em qualquer outra época, a coragem de dizer a verdade.

O objetivo era o seguinte: nós queríamos derrubar a municipalidade de Lyon, municipalidade evidentemente reacionária, mas ainda mais incapaz e estúpida do que reacionária, que paralisava e continua a paralisar qualquer organização real da defesa nacional em Lyon; derrubar, ao mesmo tempo, todos os poderes oficiais, destruir todos os restos desta administração imperial que continua a pesar sobre o povo, neutralizar Suas Majestades, os reis de Yvetot³, que pensam reinar e fazer alguma coisa de bom em Tours; e convocar a Convenção Nacional da Salvação da França. Numa palavra, nós queríamos realizar em Lyon o que vós mesmo, cidadão Esquiros, tentastes fazer através de vossa Liga do Midi⁴, Liga que certamente teria sublevado o Midi e organizado sua defesa, se ela não tivesse sido paralisada por esses reis de Yvetot.

Ah, Senhor, os advogados do governo da Defesa Nacional são criminosos! Eles matam a França. E, se os deixarmos fazer, eles a entregarão definitivamente aos prussianos!

É tempo que eu termine esta carta, já muito longa.

MARX E A INTERNACIONAL

CARTA AOS INTERNACIONAIS DE BOLONHA *

³ Yvetot - Região da França (Seine-Maritime).

⁴ Midi - Região do sul da França.

* Dezembro de 1871. Instituto Internacional de História Social de Amsterdã.

A guerra acaba de ser declarada ao Conselho Geral. Mas não vos assustais, caros amigos, a existência, a potência e a unidade real da Internacional não sofrerão, porque sua unidade não está em cima, não está num dogma teórico uniforme imposto à massa do proletariado, tampouco num governo mais ou menos ditador como aquele que o Congresso dos operários mazzinianos acabam de instituir em Roma; *ela está em baixo: na identidade da situação material dos sofrimentos, das necessidades e das aspirações do proletariado de todos os países*; a potência da Internacional não reside em Londres, *ela está na livre federação das seções operárias autônomas de todos os países* e na organização, de baixo para cima, da solidariedade prática entre elas. Eis os princípios que nós defendemos hoje contra as usurpações e contra as veleidades ditatoriais de Londres que, se elas pudessem triunfar, matariam a Internacional, com certeza.

Um Conselho Geral da Internacional, que esteja sediado em Londres ou em outro lugar, só é suportável, possível, na medida em que é revestido de atributos modestos de um Bureau central de correspondência somente. É também aproximadamente o único papel que lhe atribuem nossos estatutos gerais. Mas tão logo ele queira se tornar um governo real, ele se torna necessariamente uma monstruosidade, uma absoluta impossibilidade. Imaginem um tipo de monarca universal, coletivo, impondo sua lei, seu pensamento, seu movimento, sua vida aos proletários de todos os países, reduzidos ao estado de miséria! Mas seda uma paródia ridícula do sonho ambicioso dos Césares, dos Carlos V, dos Napoleão, sob a forma de uma ditadura universal, socialista e republicana. Seria um golpe de misericórdia dado na vida espontânea de todas as outras seções, a morte da Internacional.

Estes doutrinários e estes autoritários, Mazzini tanto quanto Marx, confundem sempre a uniformidade com a unidade, a unidade formal dogmática e governamental com a unidade viva e real, que só Pode resultar do mais livre desenvolvimento de todas as individualidades e de todas as coletividades e da aliança federativa e absolutamente livre, na base de seus próprios interesses e de suas próprias necessidades, das associações operárias nas comunas, e, para além das comunas, comunas nas regiões, regiões nas nações, e nações na grande e fraternal União internacional, humana, organizada federativamente somente pela liberdade com base no trabalho solidário de todos e da mais completa igualdade econômica e social.

Eis o programa, o verdadeiro programa da Internacional, que nós opomos ao novo programa ditatorial de Londres. Nós, quer dizer, a Confederação das seções do Jura, à qual eu pertencço. Nós não somos os únicos: a imensa maioria, pode-se quase dizer todos os internacionais franceses, espanhóis, belgas, e italianos também, eu espero - já temos a adesão de várias seções italianas e, não duvidamos, da vossa seção - numa única palavra, todo o mundo latino está conosco. Os operários ingleses e americanos têm muito acentuado o sentimento de sua independência e o hábito da ação e da vida espontânea para se preocupar ou para levar em consideração as pretensões bismarckianas do Conselho Geral, que sequer ousa anunciá-las. Há somente o mundo propriamente tudesco que se submete a ele com esta paixão da disciplina ou da servidão voluntária que o distingue hoje. O pensamento que acaba de prevalecer, infelizmente, no seio do Conselho Geral, é um pensamento exclusivamente alemão. Representado sobretudo por Marx um judeu alemão, um homem muito inteligente, muito culto, socialista convencido e que prestou grandes serviços à Internacional, mas ao mesmo tempo muito vaidoso, muito ambicioso, intrigante como um verdadeiro judeu que ele é - este pensamento, representado por Marx, o chefe dos comunistas autoritários da Alemanha, por seu amigo Engels, um homem muito inteligente também, o secretário do Conselho Geral para a Itália e para a Espanha, e por outros membros alemães do Conselho Geral, menos inteligentes, mas não menos intrigantes e não menos fanaticamente devotados a seu ditador-messias, Marx, - este pensamento lhes é inspirado por um sentimento de raça. E o pangermanismo que, aproveitando-se dos triunfos recentes do absolutismo militar da Prússia, é o pensamento

omnidevorador e omniabsorvente de Bismarck, o pensamento do Estado pangermânico, submetendo mais ou menos toda a Europa à dominação da raça alemã, que eles acreditam ter sido chamada a regenerar o mundo, - é este pensamento liberticida e mortal para a raça latina e para a raça eslava que se esforça hoje em se apoderar da direção absoluta da Internacional. A esta pretensão monstruosa do pangermanismo, devemos opor a aliança da raça latina e da raça eslava, - não com este império monstruoso de todas as Rússias que nada mais é do que um tipo de império alemão que se impõe às populações eslavas pelo cnote⁵ tártaro, não com esta outra monstruosidade que se chama pan-eslavismo e não seria outra coisa senão o triunfo e a dominação deste cnote na Europa - não, a aliança da revolução econômica e social dos latinos com a revolução econômica e social dos eslavos, revolução que, fundada sobre a emancipação econômica das massas populares e que, tomando por base de sua organização e autonomia das associações operárias, das comunas, das regiões e das nações livremente federadas, fundará um mundo internacional novo sobre as ruínas de todos os Estados - um mundo que, tendo por base material a igualdade, por alma a liberdade, por objeto de ação o trabalho, e por espírito unicamente a ciência, será o triunfo da humanidade.

Esta aliança latino-eslava não fará absolutamente a guerra ao proletariado da Alemanha, hoje infelizmente enganado por seus chefes. Regra geral: nunca são as massas populares que criam a vaidade e a ambição nacional, são sempre seus chefes que os exploram e que têm naturalmente um grande interesse em estender os limites do mundo submetido à sua exploração lucrativa. Assim, pois, longe de lhe fazer guerra, a aliança latino-eslava procurará ao contrário reforçar e multiplicar os elos da mais estreita solidariedade com o proletariado da Alemanha, cuidando de fazer penetrar em seu seio, por uma propaganda ardente e infatigável, este princípio, esta paixão da liberdade que, derrubando todo o aparato artificial do novo despotismo que seus chefes atuais gostariam de construir sobre seus ombros, de há muito habituados à servidão, somente poderá lhe dar e lhe assegurar o que ele procura e o que ele quer tão apaixonadamente quanto o proletariado de todos os outros países: uma existência humana.

Retorno ao Conselho Geral de Londres. Suas pretensões atuais são tanto mais ridículas e absurdas porque sua composição e sua constituição, completamente irregulares e provisórias, deveriam ter-lhe imposto sentimentos muito mais modestos. Compreender-se-ia ainda que ele se arrogasse o direito - sempre iníquo e liberticida segundo minha opinião, exceto em caso de guerra - o direito de impor suas leis a todos os grupos nacionais da Internacional se ele realmente fosse o representante destes grupos. Mas para isso teria sido preciso que ele fosse composto de delegados nomeados e renovados pela eleição anual ou bi-anual destes grupos. Seria necessário que cada país fosse nele representado por dois delegados, pelo menos, especialmente eleitos pelo Congresso Nacional de todas as suas seções. Teria sido preciso, então, que cada grupo nacional fizesse uma despesa anual de quatro a seis mil francos, pagando a cada um de seus delegados gastos de correspondência inclusive, de dois a três mil francos por ano, pois a vida em Londres é mais cara do que em qualquer outro lugar. Em parte por causa desta consideração, mas em grande parte também pela pouca importância que, desde o início, se deu à missão e ao papel tão modesto que lhe eram determinados pelos estatutos gerais, criaram este resultado que a partir do primeiro Congresso da Internacional em Genebra (1866), do Congresso de Lausanne (1867), do de Bruxelas (1868) e do último Congresso de Basileia (1869), enfim, acharam mais cômodo deixar continuar provisória a existência do mesmo Conselho Geral, dando-lhe o direito de acrescentar novos membros ao invés de renová-lo todos os anos. Assim, com poucas exceções, desde que a Internacional existe, é sempre o mesmo Conselho Geral, este mesmo que, antes do Congresso de Genebra, chamava-se Conselho Geral ou Comitê Central provisório, e que só tomou o título definitivo de Conselho Geral após a

⁵ Chicote usado na Rússia.

votação deste Congresso. Ele é, em imensa maioria, composto de alemães e de ingleses. Todas as outras nações estão pobremente representadas nele, algumas vezes por seus delegados nacionais que, residindo em Londres, têm a felicidade de agradar Marx e Cia e, algumas vezes, é sua revelia, por indivíduos de uma seção diferente e, na maioria das vezes, por alemães. É assim que hoje mesmo a Itália e a Espanha estão representadas no Conselho por Engels, um alemão; a América, por Eccarius, alemão; a Rússia, por Marx, judeu alemão, o que é simplesmente ridículo. Para representar a França, desdenhando um Berqueret por exemplo, que redige o *Qui Vive!* em Londres, e tantos outros representantes enérgicos, devotados e inteligentes da Comuna, e antigos membros da Internacional francesa, eles escolheram Serrailier, uma nulidade que sequer tinha feito parte da Internacional até então; e isto pela simples razão que todos os franceses sérios, orgulhosos de sua dignidade e de sua independência, não quiseram, não puderam se submeter a Marx, enquanto que Serrailier, desejoso de se tornar, ou melhor, de parecer alguma coisa, diante de seus compatriotas mais sérios, subordinou-se voluntariamente à ditadura do judeu alemão.

Na realidade, é a camarilha alemã que domina e faz tudo no Conselho Geral. Seus membros ingleses, como verdadeiros insulares, e ingleses que são, ignoram o continente, só se preocupam exclusivamente com a organização das massas operárias em seu próprio país. Tudo o que se fazia no Conselho Geral era unicamente feito pelos alemães sob a direção exclusiva de Marx.

Por sinal, até setembro de 1871, a ação do Conselho Geral, do ponto de vista propriamente internacional, foi totalmente nula, de tal forma nula que jamais cumpriu com as obrigações que os Congressos tinham, um de cada vez, imposto, como por exemplo as circulares que ele devia publicar todos os meses sobre a situação geral de Internacional e que jamais publicou. Em relação a este fato houve muitas razões. Inicialmente, o Conselho Geral sempre foi muito pobre. Nós que conhecemos bem o estado das finanças da Internacional, rimos e continuamos a rir quando lemos, nos jornais oficiais e oficiosos de diferentes países, as fábulas sobre as somas imensas que Londres envia para todos os lugares para fomentar a revolução. O fato é que o Conselho Geral sempre se encontrou numa posição financeira excessivamente miserável. Não deveria ser assim se todas as seções que se encontram estabelecidas sob a bandeira da Internacional, em todos os países, lhe tivesse regularmente enviado os dez centavos por membro ordenados pelos estatutos. A maioria das seções não o fez, até aqui.

A segunda causa da inação do Conselho Geral foi a seguinte: não havia a mínima possibilidade, até 1871, para o estabelecimento da dominação alemã. As seções francesas e belgas e, em parte, as da Suíça romanche que dominavam nos Congressos eram muito orgulhosas, muito ciumentas de sua independência para se submeter à ditadura de uma seita alemã. Os delegados das sociedades operárias da Alemanha e da Suíça alemã só começaram a tomar parte das discussões dos Congressos da Internacional depois de 1869. Eles se apresentaram pela primeira vez, em número considerável, no último Congresso de Basiléia (setembro de 1869), após terem se constituído previamente em partido da democracia socialista pangermânica, sob a inspiração direta e sob a direção indireta de Marx que, residindo em Londres, fazia-se e faz-se representar ainda no seio do proletariado, tanto da Alemanha propriamente dita, quanto da Áustria, principalmente por seu discípulo, judeu como ele, Liebknecht, e por muitos outros partidários fanáticos, em sua maioria judeus também.

Os judeus constituem hoje na Alemanha uma verdadeira potência. Ele próprio judeu, Marx tem em torno de si, tanto em Londres quanto na França e em muitos outros países, mas sobretudo na Alemanha, uma multidão de pequenos judeus, mais ou menos inteligentes e instruídos, vivendo principal mente de sua inteligência e revendendo suas idéias a retalho. Reservando para si próprio o monopólio da grande política, ia dizendo, da grande intriga, ele lhes abandona de bom grado o lado pequeno, sujo, miserável, e é preciso dizer que, sob esse

aspecto, possante centralização do Estado, e lá, onde sempre obedientes a seu impulso, à sua elevada direção, eles lhe prestam grandes serviços: inquietos, nervosos, curiosos, indiscretos, tagarelas, agitados, intrigantes, exploradores, como o são os judeus em todos os lugares, agentes de comércio, acadêmicos, políticos, jornalistas, numa palavra, corretores de literatura, ao mesmo tempo que corretores de finanças, eles se apoderam de toda a imprensa da Alemanha, a começar pelos jornais monarquistas mais absolutistas até os jornais absolutista radicais e socialistas, e desde muito tempo reinam no mundo do dinheiro e das grandes especulações financeiras e comerciais: tendo assim um pé no Banco, acabam de colocar nestes últimos anos o outro pé no socialismo, apoiando assim seu posterior sobre a literatura quotidiana da Alemanha... Vós podeis imaginar que literatura nauseabunda isto deve fazer.

Bem, todo esse mundo judeu que forma uma única seita exploradora, um tipo de povo sanguessuga, um parasita coletivo devorador e organizado nele próprio, não somente através das fronteiras dos Estados, mas através mesmo de todas as diferenças de opiniões políticas, este mundo está atualmente, em grande parte pelo menos, à disposição de Marx de um lado, e dos Rothschild do outro. Eu sei que os Rothschild, reacionários que são, que devem ser, apreciam muito os méritos do comunista Marx; e que, por sua vez, o comunista Marx se sente invencivelmente arrastado, por uma atração instintiva e uma admiração respeitosa, em direção ao gênio financista dos Rothschild. A solidariedade judia, esta solidariedade tão possante que se manteve através de toda a história, os une.

Isto deve parecer estranho. O que pode haver de comum entre o socialismo e o grande Banco? É que o socialismo autoritário, o comunismo de Marx quer a possante centralização do Estado, e lá, onde há centralização do Estado, deve haver necessariamente um Banco central do Estado, e lá, onde exista tal Banco, os judeus estão sempre certos de não morrer de frio ou fome. Ora, a idéia fundamental do partido da democracia socialista alemã é a criação de um imenso Estado pangermânico e, por assim dizer, popular, republicano e socialista - de um Estado que deve englobar toda a Áustria, os eslavos, a Holanda, uma parte da Bélgica, uma parte da Suíça pelo menos, e toda a Escandinávia. Uma vez que ele tivesse englobado tudo isso, natural e necessariamente ele acabaria por englobar todo o resto. A influência desmoralizante deste partido fez-se sentir há um ano na Áustria e se faz sentir agora na Suíça.

Em 1868, ocorreu no proletariado da Áustria um movimento espontâneo magnífico. Em suas assembléias populares, os operários de Viena e de muitas outras grandes cidades da Áustria tinham proclamado em voz alta que, compostos de raças diferentes, alemães, eslavos, magiares, italianos, eles não queriam nem podiam içar em comum nenhuma bandeira nacional, deixando a cada país o desenvolvimento absolutamente livre de sua nacionalidade particular, tão sagrada quanto o direito natural que é a própria individualidade de cada homem. Mas em comum eles só queriam içar a bandeira da emancipação dos trabalhadores, a bandeira da revolução social, a bandeira da fraternidade humana que deveria tremular sobre as ruínas de todas as pátrias *políticas*, quer dizer, das pátrias constituídas em Estados que se denominam nacionais, separados vaidosamente, ciumentamente, ambiciosamente, hostilmente, e para tudo dizer numa única palavra, *burguesamente*, um do outro (todo Estado nada mais sendo do que uma exploração do proletariado organizado em favor da burguesia), e a pátria *política* jamais sendo a pátria das massas populares, mas sempre as das classes exploradoras e privilegiadas. A pátria do povo é natural, não artificial, e tem como base principal, real, a comuna. Eis porque Mazzini, que é um teólogo e um burguês, atacou com tanta obstinação o programa da Comuna de Paris, e eis porque o general Garibaldi, cujo grande coração bate unísono com o coração do povo e que possui a intuição dos grandes instintos e dos grandes fatos populares, declarou-se a favor da Comuna de Paris e pela Internacional, contra Mazzini.

Em conseqüência, numa assembléia popular imensa, os operários de Viena haviam recusado solene e unanimemente todas as proposições pangermânicas e patrióticas dos

democratas burgueses da Alemanha e votaram uma mensagem de fraternidade, de aliança íntima com todos os trabalhadores revolucionários socialistas da Europa e do mundo. Eles adivinharam por instinto todo o programa da Internacional.

Mas, desde o outono de 1868, os chefes, os propagadores e os agitadores, em grande parte judeus, do Partido da democracia socialista, que tinha acabado de se formar, sempre sob a inspiração de Marx, no norte da Alemanha, começaram a conquistar para seu lado os judeus da Áustria, e juntos puseram-se a magnetizar, a fazer sermão, a enganar os operários alemães da Áustria. Eles não trabalharam em vão. Há um ou dois meses, os mesmos operários alemães de Viena, reunidos novamente numa grande assembleia popular e já organizados segundo o programa e sob a direção dos chefes do partido da democracia socialista, traduzindo dali por diante, sob inspiração exclusivamente tudesca, o cosmopolitismo no sentido do pangermanismo, declaram-se partidários da grande pátria alemã, quer dizer, do Estado pangermânico, que se diz popular, do qual eles esperam estupidamente a emancipação do proletariado, como se um grande Estado pudesse ter outra missão que não a de subjugar o proletariado.

Examinaremos esta questão numa próxima oportunidade, caros amigos. Enquanto se espera, vós compreendereis que esta nova resolução teve como consequência natural alijar do movimento do proletariado todos os operários não alemães da Áustria.

Na Suíça, vemos hoje, sempre sob a influência direta e em nome dos princípios deste mesmo programa da democracia socialista tudesca, todos os operários dos cantões alemães, em Zurique e na Basileia sobretudo, mas também em Argóvia e em Berna, a reivindicação de quê? Da abolição do sistema federal e da transformação da Federação suíça, garantida da liberdade suíça, numa centralização única do Estado. Sabeis o que isso significa? É o começo da absorção, da conquista da Suíça, a alemã pelo menos, pela Alemanha; mas não somente da Suíça alemã, de toda a Suíça, pois as reformas que se preparam e que se discutem agora, se elas passarem, terão inicialmente por efeito inevitável subordinar absolutamente as Suíças italianas e romanches à direção, ao governo, e à administração exclusiva dos Suíços alemães, e mais tarde, por estes últimos, subordinar os prussos, - e tudo isso pelo maior triunfo de todos os judeus da Alemanha e da Suíça que engordarão nessas manipulações...

Tal é o espírito do programa que os delegados do Partido da democracia socialista da Alemanha, da Áustria e da Suíça alemã, desembarcados em grande número no Congresso de Basileia, em setembro de 1869, tentaram fazer prevalecer neste Congresso, com o apoio unânime de todos os delegados do Conselho Geral de Londres, alemães e ingleses, escolhidos com cuidado pelo próprio Marx, e todos, naturalmente, seus partidários fanáticos.

Evidentemente que se tratava de um golpe montado. Todavia, ele fracassou diante da oposição unânime dos delegados franceses, belgas, suíços romanches, italianos e espanhóis. Foi um completo fiasco. Todas as proposições, tendendo a colocar o movimento socialista e revolucionário do proletariado da Europa à reboque do radicalismo burguês e do comunismo judeu-pangermânico dos alemães, foram rejeitadas *Inde irae*.

Desde então os congressos gerais, essas verdadeiras tribunas do proletariado do mundo civilizado, foram condenados no espírito dos mentores quer dizer, dos alemães do Conselho Geral de Londres - no espírito de Marx e de seus discípulos.

Até 1869, o papel do Conselho Geral na Internacional, tal como foi determinado por nossos estatutos gerais e pelas sessões dos Congressos de Genebra, de Lausanne e de Bruxelas, foi muito restringido; ele tinha apenas a missão muito modesta de não ser nada mais do que um *Bureau central de correspondência e de comunicações* entre os grupos nacionais dos diferentes países - e sobretudo entre os três grupos regionais: anglo-americano, alemão e latino, que tinham naturalmente pouca comunicação entre eles. Por sinal, ele não possuía nenhuma missão legislativa, nem mesmo governamental, o que quer que diga Mazzini disso. O poder

legislativo, se havia poder, residia unicamente nos congressos. E mesmo as resoluções dos congressos, ainda que respeitadas como sendo a expressão dos desejos da maioria, não eram considerados como obrigatórias, com a base real da Associação Internacional, seu pensamento, sua vida, residindo inteiramente na autonomia, na ação espontânea e na livre federação, de baixo para cima, das seções.

Isso esteve e ainda está em uso constante em todas as seções da Internacional, exceto as da Alemanha, onde hoje parece prevalecer uma disciplina totalmente bismarckiana, de tal forma que, após cada congresso, os delegados, uma vez retornados às suas respectivas seções, devem prestar contas detalhadamente a estas últimas de todas as discussões que aconteceram no congresso, explicar as razões de seus próprios votos e submeter à aceitação ou à rejeição das seções as resoluções votadas pela maioria do congresso. Resulta daí que os próprios congressos - de grande valor sob este aspecto, pois apresentavam os desejos, as aspirações, as diversas tendências dos diferentes grupos, tendiam a harmonizá-los e a unificá-los não autoritariamente, mas pelo próprio efeito deste encontro, desta fricção fraternal, anualmente renovado, - não tinham, portanto, e não devem ter força soberana, pois o efeito desta força seria a de submeter uma minoria qualquer à lei da maioria, e, na maioria das vezes, mesmo a maioria das seções a uma maioria artificial produzida pela surpresa ou pela intriga de uma minoria no seio do congresso; seria, numa palavra, a de transformar a Internacional num Estado político, com a liberdade fictícia e a escravidão real da massa do proletariado.

Nós desejamos a unidade, mas a unidade real, viva, resultante da livre união das necessidades, dos interesses, das aspirações, das idéias dos indivíduos tanto quanto das associações locais e que são, por consequência, a expressão e o resultado, sempre real e sincero, do maior desenvolvimento de sua liberdade, de sua existência e ação espontânea, mas não uma unidade imposta, seja pela violência, seja por artifícios parlamentares. Numa palavra, somos francamente comunalistas e federalistas, significa dizer que nós seguimos estritamente o espírito assim como a carta de nossos estatutos gerais, a lei constitutiva da Internacional.

É a única lei obrigatória para todas as seções, e sobre a única base desta lei todas as seções são autônomas, soberanas, ao mesmo tempo que elas estão realmente ligadas por uma solidariedade internacional não dogmática, não governamental, mas prática.

Esta solidariedade internacional prática, lei suprema e absolutamente obrigatória da internacional, pode-se resumir nestes termos:

Cada membro da Internacional: indivíduos, seções de profissão ou quaisquer outras, grupos ou federações de seções, federações locais, regionais, nacionais, são igualmente obrigadas a se apoiarem e a se socorrerem mutuamente, até o limite do possível, na luta de cada um e de todos contra a exploração econômica e contra a opressão política do mundo burguês. Os operários de todas as profissões, de todas as comunas, de todas as regiões e de todas as nações constituem uma grande e única fraternidade internacional, organizada para empreender esta luta contra o mundo burguês; e quem falte a esta solidariedade prática na luta, indivíduo, seção, ou grupo de seções, é um traidor.

Eis nossa lei realmente, única obrigatória. Há, além disso, as disposições do regulamento primitivo que impõe a cada seção o dever de pagar anualmente ao Conselho Geral dez centavos por cada um de seus membros, enviar-lhe a cada três meses um relatório detalhado sobre sua situação interna e atender a todas as suas reclamações *quando elas estiverem conformes aos estatutos gerais*, e eis tudo. Quanto ao resto, quer dizer, tudo o que constitui a própria vida, o próprio desenvolvimento, o programa e o regulamento particulares das seções, suas idéias teóricas, assim como a propaganda destas idéias, sua organização e sua federação material,

desde que nada do objetivo real esteja em contradição com os princípios e com as obrigações explicitamente enunciados nos estatutos gerais, é deixado à plena liberdade das seções.

Esta inexistência de um dogma único e de um governo central em nossa grande Associação Internacional, esta liberdade quase absoluta das seções, revoltam o doutrinário e o autoritarismo do homem de Estado-profeta Mazzini. E, entretanto, foi precisamente esta liberdade que ele denomina anarquia e que, fundada sobre a verdadeira fonte e base criadora de nossa unidade real, sobre a identidade real da situação e das aspirações do proletariado de todos os países, foi esta liberdade que criou uma verdadeira conformidade de idéias e de toda a potência da Internacional.

Até 1871, como eu já disse, a ação do Conselho Geral foi completamente nula. Ele fez intrigas e formou esse partido da democracia-socialista na Alemanha, quer dizer, viciou o movimento do proletariado alemão. Foi um mal positivo. Ele se ocupou também da organização da Internacional na Inglaterra e na América. Isto foi positivo, mas no resto da Europa, na Bélgica, na França, em toda a Suíça romanche, na Itália, na Espanha, ele não fez absolutamente nada. E entretanto, foi precisamente durante este período de sua inação forçada que a internacional apresentou um crescimento formidável na maioria destes países. Bruxelas, Paris, Lyon e, naquele momento, mas não agora, Genebra, formaram centros de propaganda, as seções de todos os países confraternizaram e se federaram espontaneamente entre elas, inspirando-se num mesmo pensamento. Foi assim que membros da seção da Aliança da democracia socialista, fundada no final de 1868, em Genebra, formaram as primeiras seções da Internacional em Nápoles, Madri e Barcelona. Hoje, a Internacional na Espanha, cujos primeiros germes foram levados por um italiano, tornou-se uma verdadeira potência. E o Conselho Geral não somente não teve nenhuma parte nesta propaganda e nestas criações, como também as ignorou, enquanto as novas seções, tanto espanholas e italianas quanto francesas, não lhe notificaram sua constituição.

Alguém poderia perguntar que utilidade pode ter tido a existência de um Conselho Geral, cuja influência sobre o caminho e o desenvolvimento de uma grande parte da Europa, e especialmente de todos os países latinos e eslavos, foi tão completamente nula.

Ora, a utilidade desta existência foi imensa. O Conselho Geral era *o sinal visível da internacionalidade* para todas as seções nacionais e locais. Lembrai-vos que as seções da Internacional são seções operárias; que elas são compostas de homens pouco instruídos, pouco habituados às amplas concepções e, além do mais, esmagados por um trabalho mortificante e pelas preocupações ainda mais mortificantes de uma existência quotidiana miserável. Abandonadas a elas próprias, estas seções estenderam com dificuldade seu pensamento e sua solidariedade prática para além dos limites de sua própria comuna e de sua própria profissão. Mas havia os estatutos gerais, o programa e o regulamento internacionais das seções; isso não bastava. Os operários, a grande massa dos operários lê pouco e esquece facilmente o que ela lê. Assim pois, a simples existência desse programa e desse regulamento escrito, e seu simples conhecimento teórico, não bastavam. Sabemos por experiência que os operários só começam a conhecê-los realmente quando eles os praticam, e uma das primeiras condições desta prática era precisamente esta convergência unânime das seções de todos os países para um centro internacional comum. Todas as seções, os operários internacionais de todos os países, lá se encontravam, se abraçavam, confraternizavam por assim dizer, em imaginação, em idéia.

As relações reais com o Conselho Geral, é verdade, eram nulas. Mas os dez centavos que cada operário, de qualquer país e de qualquer seção que fosse, enviada por intermédio de seu comitê seccional e de seu comitê federal ao Conselho Geral de Londres era para ele o sinal

visível, sensível, de sua adesão ao princípio humano e amplo da internacionalidade. Era para ele a negação real das estreitezas da nacionalidade e do patriotismo burguês.

O próprio distanciamento do Conselho Geral, a impossibilidade real na qual ele se encontrava, e na qual se encontra ainda hoje, de se imiscuir de uma maneira efetiva nos assuntos das seções, das federações regionais e dos grupos nacionais, era ainda um bem. Não podendo se intrometer nos debates quotidianos das seções, só o tornava mais respeitado, e ao mesmo tempo não impedia as seções de viver e de se desenvolver com toda liberdade. Ele era respeitado, é verdade, um pouco como se respeitam os Deuses, muito em imaginação. Entretanto, ele não estava tão afastado assim para que não pudesse dizer algo quando necessário. Mas só lhe reconheciam esse direito de falar quando se tratava de lembrar a uma seção ou a um grupo algum artigo esquecido dos estatutos gerais, do qual ele era considerado como o guardião e o explicador, quando necessário, exceto a pedido no congresso, em presença do qual ele cessava de existir. E, como até 1869 pelo menos, jamais tinha deixado seu papel e havia escrupulosamente respeitado todas as liberdades nacionais e locais, quando ele falava, sua voz era escutada por todos, com respeito. Como ele era e como permanece ainda em grande parte composto de homens que tinham tomado parte ativa na própria fundação da Internacional, ele gozava de autoridade moral ainda maior porque a usava raramente e nunca havia abusado dela. Em todas as dificuldades que adviam, seja uma seção, seja uma federação regional ou nacional, dirigia-se a ele de bom grado, não como a um tutor ou a um ditador, mas como a um amigo experiente. E se se reclamasse de alguma coisa era de sua preguiça e de sua negligência, pois não respondia quase nunca, e sempre muito tarde.

Enfim, ele tinha ainda dois grande deveres práticos a cumprir, os, quais, é preciso que se diga, quer por falta de tempo - seus membros não sendo remunerados tinham de trabalhar para viver, - quer por falta de meios, ele sempre se saiu muito mal.

O primeiro de seus deveres era o de dar conhecimento a cada grupo nacional do que se passava em todos os outros grupos. Este dever foi-lhe lembrado por todos os congressos. Nunca ele o tinha cumprido.

Outro dever era, em caso de greve de operários internacionais num país qualquer, chamar os operários internacionais de todos os outros países em seu socorro. Pois bem, o apelo do Conselho Geral sempre veio muito tarde nessas ocasiões.

Mas essas negligências mais ou menos forçadas do Conselho Geral foram suficientemente compensadas pela própria atividade das seções e pelas relações de fraternidade real que espontaneamente se estabeleceram entre diferentes grupos nacionais. Por esta federação espontânea das seções e dos grupos, pela correspondência entre elas, e não pela ação do Conselho Geral, foi que se formou pouco a pouco a unidade real de pensamento, de ação, e a solidariedade prática dos operários de diferentes países, na Internacional.

Desta maneira, entre os anos 1866, época do primeiro Congresso de Genebra, e 1869, época do último Congresso de Basileia, formaram-se no seio da Internacional três grandes grupos: o grupo latino, compreendendo a Suíça romanche, a Bélgica, a França, a Itália e a Espanha; o grupo germano-austríaco; e o grupo anglo-americano. O grupo eslavo ainda está em via de formação. Ele ainda não existe propriamente. A unidade real, produzida pelo próprio desenvolvimento da ação e das relações espontâneas das seções entre elas, só existe, com efeito, em cada um desses grupos à parte, unidos interiormente por um tipo de unidade especial de raça, de situação, de pensamento e de aspirações mais especialmente homogêneas. A união desses grandes grupos, entre eles, é muito menos real; ela só tem por base os estatutos

gerais, e por garantia necessária a ação imparcial mas real do Conselho Geral, enfim, e sobretudo, os congressos.

Tal foi a situação da internacional até 1869.

Vimos que, em 1869, o Conselho Geral que ruminava desde muito tempo projetos de monarquia universal nascidos no cérebro tão inteligente de Marx, havia lançado os delegados alemães do Partido da democracia socialista operária, para tentar fazer no Congresso de Basiléia uma primeira tentativa de realização. Os alemães e os ingleses escolhidos por Marx, partidários do Estado que se dizia popular, sofreram uma derrota retumbante. Nosso partido, compreendendo os delegados belgas, franceses, suíços romanches, italianos e espanhóis, opondo a essa bandeira do comunismo autoritário e da emancipação do proletariado pelo Estado, a bandeira da liberdade absoluta ou, como eles dizem, da anarquia, a da abolição dos Estados e da organização da sociedade humana sobre as ruínas dos Estados, arrancou uma vitória esplêndida. Marx compreendeu então que nos congressos a lógica e o instinto dos trabalhadores estavam a nosso favor, e ele jamais poderia vencer. Desde então, ele e seu partido realizaram um golpe de Estado.

Mas enquanto homens políticos hábeis, eles compreenderam que antes de tentá-lo era preciso inicialmente prepará-lo. Mas como prepará-lo? Pelos métodos eternamente empregados por todos os ambiciosos políticos, cientificamente constatados pelo terceiro positivista político após Aristóteles e Dante, Maquiavel - pelos mesmos meios dos quais se serve tão habilmente hoje o partido mazziniano: pela calúnia e pela intriga. Ninguém podia se servir destes meios melhor do que Marx, porque, inicialmente, ele possui a genialidade para isso, e possui, além do mais, à sua disposição, um exército de judeus que, neste tipo de guerra, são verdadeiros heróis.

Após o Congresso de Basiléia, toda a imprensa alemã e, em parte, em artigos escritos por judeus alemães, a imprensa francesa também, mas sobretudo a primeira, caíram sobre mim com uma fúria prodigiosa. Marx e Cia. me deram a honra de fazer de mim, que não tenho, verdadeiramente, outra ambição além daquela de ser amigo de meus amigos, irmão de meus irmãos, e servidor fiel de nosso pensamento, de nossa paixão comum, um chefe de partido. Eles pensaram estupidamente- era realmente conceder muita honra à minha suposta potência - que eu sozinho teria podido amotinar e organizar contra eles os franceses, os belgas, os italianos e os espanhóis, numa compacta e esmagadora maioria. E eles juraram me destruir. O ataque começou por um jornal de Paris, um jornal muito respeitável: **Le Réveil**. O Sr. Hess, judeu alemão que se diz socialista, mas antes de tudo adorador do bezerro de ouro, inicialmente mestre de Marx, mais tarde seu rival e hoje seu discípulo bem disciplinado e submisso, escreveu contra mim um artigo infame que me apresentava, com força ⁽⁶⁾ e penhor de simpatia e até mesmo de respeito, como um tipo de agente, quer de Napoleão III, quer de Bismarck, quer do imperador da Rússia, ou de todos os três ao mesmo tempo. Na minha primeira reclamação, Delescluze, em nome da redação, retratou este artigo. O Sr. Hess passou vergonha. Não tentaram mais me atacar nos jornais franceses. Mas, ao contrário, lançaram-se de todo coração ao ataque nos jornais alemães. Ah! meus caros amigos, vós não sabeis o que é a polêmica nos jornais: é imbecil, é miserável, é sobretudo suja. Um jornal socialista, o jornal oficial do Partido da democracia socialista, redigido por um outro amigo e discípulo de Marx, judeu como ele, Liebknecht - jornal aliás sob muitos aspectos respeitável e muito instrutivo - publicou uma série de artigos de um terceiro judeu, Borkheim, outro servidor de Marx, onde diziam simplesmente que Herzen e eu éramos espiões russos pagos pelo governo russo. Eu vos poupo do resto. Aliás eu não fui o único caluniado, injuriado. Muitos amigos meus o foram comigo. Inicialmente nós nos sentimos chocados e pedimos explicações. Finalmente nós nos aguerrimos e sequer lemos o que se continua a escrever contra nós.

⁶ Ilegível.

Paralelamente à calúnia moral, a intriga, que fracassou em todos os outros países. Mas deu certo em Genebra. Um pequeno judeu russo, imbecil mas maquiavélico, cínico, impudente, mentiroso e intrigante até o tutano de seus ossos, tomou-se a criatura, o agente, o criado de Marx. É ele quem redige agora o **Egalité** de Genebra. Aproveitando minha partida e minha residência em Locarno, eles tanto intrigaram, tramaram, aliando-se com as pessoas mais desprezíveis, que conseguiram desmoralizar e arruinar completamente a Internacional em Genebra. Foi em consequência disso que eclodiu uma ruptura (em 1870) entre a Federação das seções do Jura e o Conselho federal de Genebra. É uma história bem suja, da qual encontrareis os detalhes em uma Memória que está sendo escrita agora em Neuchâtel. O Conselho Geral de Londres tomou naturalmente partido de Genebra, quer dizer, da infâmia contra a justiça e contra os próprios princípios da Internacional.

Eis os efeitos da intervenção central, sua inação nos unia, sua intervenção nos divide.

O resultado da guerra, do triunfo dos alemães, do fracasso da França e da derrota da Comuna de Paris fizeram nascer no coração de Marx novas esperanças. Os internacionais da França, em parte destruídos, em partes disperses, não podiam mais se opor, pensava ele, à realização de seus projetos ambiciosos.

Naquelas circunstâncias, no meio das perseguições internacionais da qual a Internacional é objeto, era impossível reunir um Congresso; e aliás Marx, que não é absolutamente orador e que temia, em seus planos, a grande publicidade, não queria Congresso de forma alguma. Ele usou o pretexto real ou fictício da impossibilidade de sua convocação para convocar em Londres uma conferência secreta, chamando a participar dela somente Os mais íntimos, aqueles tidos como certos. Uma conferência, mesmo pública, não teria absolutamente nenhum valor segundo nossos estatutos gerais, que só reconheciam os direitos dos congressos. Mas estudei os estatutos e vereis que nos congressos cada associação profissional, não somente o grupo ou a federação das seções, mas cada seção tem o direito de se fazer representar por um ou dois delegados; além do mais, vereis que todas as questões que devam ser resolvidas num congresso devem ser anunciadas a todas as seções com dois ou três meses de antecedência, a fim de que elas possam estudá-las, discuti-las e dar a seus delegados instruções com pleno conhecimento de causa. Na última Conferência (realizada em Londres, em setembro último) nenhuma destas condições foi observada. Enviaram-se poucos delegados por grupo. A Itália não enviou nenhum. Sequer dignaram-se a advertir a Federação do Jura. Alguns membros da Comuna de Paris, refugiados em Londres, foram convidados a nela tomar assento. Mas após desentendimentos com Marx, a maioria se afastou. A maioria era composta de ingleses marxistas, de alemães e de judeus alemães. O delegado espanhol, o delegado belga, os delegados dos refugiados franceses protestaram contra as resoluções desta Conferência.

Estas resoluções são lastimáveis. Elas investem com um direito ditatorial o Conselho Geral, concedem-lhe o direito de rejeitar as novas seções, e o direito de censura sobre os jornais da Internacional. Assim como o dogma de Mazzini em Roma, o dogma de Marx em Londres foi declarado ortodoxo. Por sinal, lereis ou já haveis lido estas resoluções e as ucações, os decretos do Conselho Geral, são o triunfo do golpe de Estado. Será a morte da Internacional se não emitirmos um protexto universal, se em nome mesmo de nossos princípios e de nossos estatutos fundamentais não declararmos nulas a Conferência de Londres, e todas as suas resoluções, e se não forcarmos o Conselho Geral a voltar aos limites que lhe são impostos por estes estatutos.

Todos os que querem a liberdade, todos os que querem a ação espontânea e coletiva do proletariado e não a intriga e o governo dos indivíduos ambiciosos estarão conosco.

CARTA AO “JOURNAL DE GENÈVE”*

Aos Senhores Redatores do Jornal de Genebra
Senhores,

Não faz parte dos meus hábitos responder às injúrias e às calúnias dos jornais. Eu teria tido muito trabalho, realmente, se tivesse querido apurar todas as besteiras que, desde 1869, sobretudo, divertiram-se em debitar em minha conta.

Entre meus caluniadores mais furiosos, ao lado dos agentes do governo russo, eu situo naturalmente o Sr. Marx, o chefe dos comunistas alemães, que, sem dúvida por causa de seu tríplice caráter de comunista, alemão e judeu, me odiou, e que, dizendo nutrir igualmente um grande ódio contra o governo russo, em relação a mim pelo menos, nunca deixou de agir em plena harmonia com ele.

Para me sujar aos olhos do público, o Sr. Marx não somente recorreu aos órgãos de uma imprensa muito complacente, serviu-se também dos correspondentes íntimos, dos comitês, das conferências e dos próprios congressos da Internacional, não hesitando em fazer desta bela e grande Associação que ele tinha ajudado a fundar, um instrumento de suas vinganças pessoais.

Hoje mesmo me anunciaram a publicação de uma brochura sob o título; “**A Internacional e a Aliança**”. É, segundo dizem, o relatório da comissão de inquérito nomeada pelo Congresso de Haia.

Quem não sabe que este Congresso não foi outra coisa senão uma falsificação marxista, e que esta comissão, na qual tinham assento dois delatores (Dentraygues e Van Heddeghem), tomou decisões que ela própria declarou ser incapaz de justificar, ao pedir ao Congresso um voto de confiança; o único membro honesto da comissão protestou energicamente contra essas conclusões, ao mesmo tempo odiosas e ridículas, num relatório de minoria.

Pouco satisfeito com a inépcia de seus agentes, o Sr. Marx teve o trabalho, ele próprio, de redigir um novo relatório que ele publica hoje com a sua assinatura e as de alguns de seus cúmplices.

Esta nova brochura, disseram-me, é uma denúncia formal, uma denúncia de policial, contra uma sociedade conhecida sob o nome de *Aliança*. Arrastado por seu ódio furioso, o Sr. Marx não temeu aplicar nele próprio uma bofetada, ao assumir publicamente o papel de um agente de polícia delator e caluniador. É sua responsabilidade, e como esta profissão lhe convém, que ele a exerça. E não é para lhe responder que eu farei exceção à lei de silêncio que me impuz.

Hoje, todavia, Senhores, creio dever fazer exceção para repelir mentiras, ou, para falar uma linguagem mais parlamentar, erros que deslizaram nas colunas de vosso jornal.

Em vosso número de 14 de setembro, que me foi impossível conseguir, vós havíeis reproduzido, disseram-me, a correspondência de um jornal de Paris, *La Liberté* ou o *Journal des Débats*, no qual um senhor anônimo afirma descaradamente ter-me escutado declarar, ou melhor, gabar-me de ter sido a causa de todas as convulsões revolucionárias que agitam a Espanha. É simplesmente estúpido! Seria o mesmo que dizer que eu causei todas essas tempestades que no decorrer deste ano assolaram o oceano e a terra.

De tanto caluniar, esses senhores acabarão por me deificar.

É preciso que eu vos assegure que jamais mantive tais propósitos? Estou certo de que jamais encontrei este senhor e o desafio a dar seu nome e a designar o dia e o local onde nos teríamos encontrado.

* 25 de setembro de 1873. Journal de Genève.

Mas vós próprios, Senhores, no número de 19 de setembro, de vosso jornal, vós me atribuístes escritos cuja publicação me é estranha.

Assim também, permitir-me-ei endereçar-vos um pedido que vossa justiça não poderá negar. Na próxima vez, quando quiserdes me conceder a honra de vossos ataques, acusai-me apenas pelos escritos que são assinados por mim.

Eu vos confesso que tudo isso me enojou profundamente da vida pública. Estou farto de tudo isso. Após ter passado toda minha vida na luta, estou cansado. Já passei dos sessenta anos, e uma doença no coração, que piora com a idade, torna minha existência cada vez mais difícil. Que outros mais jovens ponham-se ao trabalho. Quanto a mim, não sinto mais a força, nem talvez a confiança necessária para empurrar por mais tempo a pedra de Sísifo contra a reação triunfante em todos os lugares. Retiro-me, pois, da liça, e peço a meus caros contemporâneos apenas uma coisa: o esquecimento.

De agora em diante não atrapalharei o repouso de mais ninguém; que me deixem, por minha vez, tranqüilo.

Acreditei muito em vossa justiça, Senhores, ao esperar que vós não recusaríeis a publicação desta carta?

CARTA AOS REDATORES DO BOLETIM DA FEDERAÇÃO DO JURA *

Caros companheiros de desgraça!

A espada de Democles, com a qual nos ameaçaram por tanto tempo, acaba, enfim, de cair sobre nossas cabeças. Não é exatamente uma espada, mas a arma habitual do Sr. Marx, um monte de imundícies.

Com efeito, na nova circular *privada* do Conselho Geral de Londres, datada de 5 de março de 1872, mas entregue à publicidade, segundo parece, somente nesses últimos dias, nada falta: invenções ridículas, falsificações de princípios e de fatos, insinuações odiosas, mentiras cínicas, calúnias infames, enfim, todo o arsenal guerreiro do Sr. Marx em campanha. É uma coletânea mediocremente sistematizada de todas as histórias absurdas e imundas que a maldade mais perversa do que espiritual dos judeus alemães e russos, seus amigos, seus agentes, seus discípulos e, ao mesmo tempo, os lacaios executores de suas grandes obras, propagou contra todos nós, mas sobretudo contra mim, durante três anos aproximadamente, e principalmente desde esse infeliz Congresso de Basileia, no qual ousamos votar, com a maioria, contra a política marxista.

Lembro-me ainda da exclamação pronunciada nessa ocasião, diante de mim, por um dos signatários da referida circular: “Marx wird sehr unzufrieden sein. - Marx ficará furioso!” E com efeito, ele ficou furioso; e eu, o bode expiatório condenado pela furiosa sinagoga a padecer por nossos pecados coletivos, fui o primeiro a sentir o efeito disso. Vós vos lembrais do artigo do judeu alemão Maurice Hess em *Le Réveil* (no outono de 1869), reproduzido e desenvolvido logo depois pelos Borkheim e outros judeus alemães do *Volksstaat*? Eu vos poupo do pequeno judeu russo de *L’Egalité* de Genebra. Foi como uma inundação de lama contra mim, contra todos nós.

Durante dois anos e meio nós suportamos em silêncio esta agressão imunda. Nossos caluniadores haviam inicialmente começado por vagas acusações, misturadas com covardes

* Lucarno. 12 de junho de 1872.

reticências e insinuações venenosas, mas ao mesmo tempo tão estúpidas, que por falta de outras razões para me fazer calar, o desgosto somado ao desprezo que elas tinham provocado em meu coração teria sido suficiente para explicar e legitimar meu silêncio. Posteriormente, encorajados por essa indulgência, da qual eles não souberam adivinhar as verdadeiras razões, levaram sua suja maldade até a me apresentar como um agente assalariado paneslavista russo, napoleônico, bismarckiano, quem sabe até mesmo papal...

Era realmente muito estúpido responder a isso. Mas tive, para guardar silêncio, razões bem mais importantes do que o desgosto natural que sentimos em lutar contra a lama. Eu não quis fornecer um pretexto a esses dignos cidadãos, que evidentemente buscavam um, para poder reduzir ao seu nível um grande debate de princípios, transformando-o numa miserável questão pessoal. Eu não quis tomar nenhuma parte na terrível responsabilidade que deve recair sobre aqueles que não temeram introduzir nesta Associação Internacional dos Trabalhadores, da qual o proletariado de tantos países espera hoje sua salvação, o escândalo das ambições pessoais, os germes da discórdia e da dissolução. Eu não quis absolutamente oferecer ao público burguês o espetáculo, tão triste para nós, tão reconfortante para ele, de nossas dissensões internas.

Enfim, pensei que devia me abster de atacar, diante deste mesmo público, uma súcia na qual, gosto de reconhecer, há homens que prestaram incontestáveis serviços à Internacional.

Sem dúvida, esses homens se desonram, hoje, e causam um grande dano à Internacional ao se servirem da calúnia para combater adversários que eles desesperam provavelmente em aniquilar pela força de seus argumentos. Sem dúvida, ao seu grande zelo pela causa do proletariado soma-se, de um modo bastante desagradável, uma considerável dose de pretensões vaidosas e opiniões ambiciosas, tanto pessoais quanto de raça... Mas não é menos verdade que esse zelo é sincero. Pelo menos, estou perfeitamente convencido disso, não em relação a todos, mas a um grande número dentre eles; e como eles são todos solidários, tive que me abster de atacar uns para poder poupar os outros.

Assim, sempre me resguardei de chamar todos meus caluniadores diante de um júri de honra que o Próximo Congresso Geral, sem dúvida, não me recusará. E por pouco que este júri me ofereça todas as garantias de um julgamento imparcial e sério, poderei lho expor com detalhes necessários todos os fatos, tanto políticos quanto pessoais, sem temor pelos inconvenientes e pelos perigos de uma divulgação indiscreta.

Mas há um outro fato, de caráter totalmente público, e que a calúnia marxista, referendada desta vez por todos os membros do Conselho Geral, desnaturou consciente e maldosamente. Restabelecê-los em sua verdade, contribuindo, na medida de minhas forças, à demolição do sistema de mentiras edificado pelo Sr. Marx e seus acólitos, tal será o objeto de um texto que eu me proponho publicar antes da reunião do congresso.

Terminarei esta carta por uma última observação. Nada prova melhor a dominação desastrosa do Sr. Marx no Conselho Geral do que a referida circular. Percorrei os nomes dos quarenta e sete signatários e encontrarei somente sete ou oito que puderam se pronunciar neste caso com *algum* conhecimento de causa. Todos os outros, instrumentos complacentes e cegos da cólera e da política marxista, referendaram uma condenação infame contra nós, a quem jamais viram, nem ouviram falar, a quem julgaram e executaram sem terem sequer se dignado nos dirigir uma pergunta!

É assim, pois, que no Conselho Geral de Londres entende-se a *justiça, a verdade, a moral* que, segundo as considerações de nossos estatutos gerais, devem servir de bases a todas as relações, tanto coletivas quanto individuais na Associação Internacional dos Trabalhadores? Ah! Senhor Karl Marx, é mais fácil colocá-las à frente de um programa do que exercê-las!

Dir-se-ia que neste momento em que a Federação belga questiona a existência ulterior do Conselho Geral, todos os membros deste Conselho se sentiram orgulhosos em provar, não

somente que sua instituição tornou-se inútil, mas que ela nada mais é hoje do que uma instituição malfazeja.

Saudações e solidariedade.

CARTA AOS REDATORES DO BOLETIM DA FEDERAÇÃO DO JURA *

Caros companheiros,

Eu não posso nem devo deixar a vida pública sem vos endereçar uma última palavra de reconhecimento e de simpatia.

Faz quatro anos e meio aproximadamente que nós nos conhecemos, e apesar de todos os artificios de nossos inimigos comuns e das calúnias infames que lançaram contra mim, conservastes vossa estima, vossa amizade e vossa confiança em mim. Vós não vos deixastes intimidar por esta denominação de “bakuninianos” que eles lançaram em vossos rostos, preferindo guardar a aparência de serem homens dependentes, do que a certeza de terdes sido injustos.

E, por sinal, sempre tivestes, e em alto grau, a consciência da independência e da perfeita espontaneidade de vossas opiniões, tendências, atos, e a pérfida intenção de nossos adversários era tão transparente, por outro lado, que não pudestes tratar suas insinuações caluniosas e ferinas de outra forma, se não com o mais profundo desprezo.

Vós o fizestes, e é precisamente porque tivestes a coragem e a constância de fazê-lo que acabastes de conquistar hoje, contra a intriga ambiciosa dos marxistas, e em proveito da liberdade do proletariado e de todo o futuro da Internacional, uma vitória tão completa.

Fortemente socorridos por vossos irmãos da Itália, da Espanha, da França da Bélgica, da Holanda, da Inglaterra e da América, fizestes retomar a grande Associação Internacional dos Trabalhadores ao caminho, do qual as tentativas ditatoriais do Sr. Marx fracassaram em desviá-la.

Os dois Congressos que acabam de se realizar em Genebra foram uma demonstração triunfante, decisiva, da justiça e, ao mesmo tempo também, da potência de vossa causa.

Vosso Congresso, o da liberdade, reuniu em seu seio os delegados das principais federações da Europa, menos a Alemanha; proclamou em voz alta e estabeleceu amplamente, ou melhor, confirmou a autonomia e a solidariedade fraterna dos trabalhadores de todos os países. O Congresso autoritário ou marxista, composto unicamente de alemães e de operários suíços, que parecem ter aceito a liberdade em desgosto, esforçou-se em vão para remendar a ditadura arrebatada, e de agora em diante ridicularizada, do Sr. Marx.

Após ter lançado muitas injúrias aqui e ali, para constatar sua maioria genebrense e alemã, eles chegaram a um produto híbrido que não é mais a autoridade integral, sonhada pelo Sr. Marx, mas que é ainda menos a liberdade, e se separaram profundamente desencorajados e descontentes com eles próprios e com os outros. Esse Congresso foi um enterro.

Assim, vossa vitória, a vitória da liberdade e da Internacional contra a intriga autoritária, está completa. Ontem, quando ela podia parecer ainda incerta, - ainda que, no que me concerne, jamais duvidei disso, - ontem, digo, não era permitido a ninguém abandonar suas fileiras. Mas, hoje, quando esta vitória se tomou um fato realizado, a liberdade de agir segundo suas conveniências pessoais voltou a cada um.

* 12 de outubro de 1873.

E aproveito esta oportunidade, caros companheiros, para vos pedir a gentileza de aceitar minha demissão como membro da Federação Jurássica e membro da Internacional. Possuo muitas razões para assim agir. Não creais que seja principalmente por causa dos desgostos pessoais dos quais eu estive saturado nesses últimos anos. Não digo que eu seja absolutamente insensível a eles; todavia, eu sentiria ainda bastante força para resistir, se eu pensasse que minha participação posterior no vosso trabalho, nas vossas lutas pudesse ter alguma utilidade ao triunfo da causa do proletariado. Mas não acredito nisso.

Por meu nascimento e por minha posição pessoal, e não por minhas simpatias e minhas tendências, nada mais sou do que um burguês e, como tal, não saberia fazer outra coisa entre vós senão propaganda teórica. Bem, tenho esta convicção de que o tempo dos grandes discursos teóricos, impressos ou falados, passou. Nos últimos nove anos desenvolveram-se no seio da Internacional mais idéias do que era preciso para salvar o mundo, se apenas as idéias pudessem salvá-lo, e desafio quem quer que seja a inventar uma nova.

O tempo não está mais para idéias, e sim para fatos e para atos. O que mais importa, hoje, é a organização das forças do proletariado. Mas esta organização deve ser a obra do próprio proletariado. Se eu fosse jovem, eu me transportaria para um meio operário, e, compartilhando a vida laboriosa de meus irmãos, participaria igualmente com eles do grande trabalho dessa organização necessária.

Mas minha idade e minha saúde não me permitem fazê-lo. Elas me pedem, ao contrário, a solidão e o repouso. Cada esforço, uma viagem a mais ou a menos, torna-se um caso muito sério para mim. Moralmente sinto-me ainda bastante forte, mas fisicamente canso-me rapidamente, não sinto mais as forças necessárias à luta. Eu não poderia ser, no campo do proletariado, mais do que um estorvo, não uma ajuda.

Como vedes, caros companheiros, tudo me obriga a pedir demissão. Vivendo longe de vós e longe de todo o mundo, que utilidade eu poderia ter para a Internacional em geral e para a Federação do Jura em particular? Vossa grande e bela Associação, de agora em diante totalmente militante e prática, não deve sofrer com sinecuras nem posições honorárias em seu seio.

Retiro-me, então, caros companheiros, pleno de reconhecimento por vós e de simpatia por vossa grande e santa causa, - a causa da humanidade. Acompanharei com uma ansiedade fraterna todos os vossos passos, e saudarei com alegria cada um de vossos novos triunfos.

Estarei convosco até a morte.

Mas antes de nos separar, permiti que eu vos dê um último conselho fraterno. Meus amigos, a reação internacional, cujo centro hoje não está nesta pobre França, burlescamente dedicada ao Sacré-Coeur, mas sim na Alemanha, em Berlim, e que é representada tanto pelo socialismo do Sr. Marx quanto pela diplomacia do Sr. Bismarck; esta reação que propõe como objetivo final a pangermanização da Europa, ameaça tudo engolir e tudo perverter nesse momento. Ela declarou uma guerra mortal à Internacional, representada hoje unicamente pelas Federações autônomas e livres. Como os proletários de todos os outros países, mesmo que fazendo parte de uma república ainda livre, sois forçados a combatê-la, pois ela se interpõe entre vós e vosso objetivo final, a emancipação do proletariado do mundo inteiro.

A luta que tereis que sustentar será terrível. Mas não vos deixais desencorajar, e sabeis que, apesar da imensa força material de vossos adversários, o triunfo final vos estará assegurado, se observardes fielmente estas duas condições:

1ª Mantende-vos firmes em vosso princípio da grande e ampla liberdade popular, sem a qual a

igualdade e a solidariedade, elas próprias, nada mais seriam do que mentiras.

2ª Organizai cada vez mais a solidariedade internacional, prática, militante, dos trabalhadores de todas as profissões e de todos os países, e lembrai que, infinitamente fracos como indivíduos, como localidades ou como países isolados, encontrareis uma força imensa, irresistível, nesta universal coletividade.

Adeus. Vosso irmão,

Mikhail Bakunin

O REPOUSO DE UM GUERREIRO

CARTA A NIKOLAI OGAREV*

Assim, caro e velho amigo, eis que partiste para bem longe. Tranqüiliza-me; escreve-me, porque distante deles, os Herzen não te esquecerão nem te deixarão sem ajuda financeira, na miséria e na dificuldade, insuportáveis a um homem de tua idade e, além do mais, doente. Este é o primeiro ponto. Eis o segundo; deves ter encontrado em Londres um meio russo, ou mesmo um único russo com o qual podes ter trocado algumas francas palavras sobre a situação da Rússia, a qual, como sempre, te interessa com certeza mais do que qualquer outra coisa no mundo. É certo, Lavrov vive em Londres com todo seu clã. Mas quando o conheceres melhor, ele e todos os outros, duvido que te pareça oportuno estabelecer com eles relações de boa fé. A propósito, leste minha última brochura anônima: *Anarquia e Estado?* Se ainda não leste, escreve-me, eu a enviarei.

Mas, sobretudo, peço-te uma vez mais, escreve-me com quem e como tu vives, quais são as pessoas que vês e com quem passas teus dias. Eu temo que as relações inglesas de tua esposa (sem o pope) - tua esposa, à qual peço-te que dês minhas lembranças - sejam para ti não muito interessantes e que te sintas, hoje, em Londres, mais só do que nunca e do que em qualquer outro lugar - e em nossa idade isto é um sentimento penoso. Um único consolo: a morte que se aproxima. O sino soou muito; agora abandona o campanário.⁷

Eu mesmo, meu velho amigo, coloquei-me à distância, e desta vez radical e irrevogavelmente, de toda atividade real, de todo contato por empreendimentos de ordem prática. Primeiramente, porque a época atual não convém, decididamente, para ações deste gênero. O Bismarckismo, ou seja, o militarismo, a polícia e o monopólio das finanças confundidos num único e mesmo sistema que se chama Estado moderno, triunfa em todos os lugares. Talvez durante dez ou quinze anos esta potente e científica negação de tudo o que é humano continue ainda seu triunfo. Não digo que atualmente não se tenha nada a fazer, mas esta nova ação exige novos métodos e sobretudo forças novas e jovens, e sinto que não valho nada para esse combate. Foi por isso que apresentei minha demissão sem esperar que algum impertinente Gil Blas venha me dizer: “Monseigneur, plus d’homélies!”⁸ Minha saúde não cessa de piorar, de forma que me tomei completamente inapto para novas tentativas ou ações

* Lugano. 11 de novembro de 1874.

⁷ Provérbio Russo.

⁸ Esta frase está em francês no texto original.

revolucionárias aleatórias. Desde então retirei-me ao seio de minha família, vinda da Sibéria, e moramos todos juntos em Lugano, e não Locarno.

Com certeza deves ter ouvido falar, várias vezes, no ano passado, que eu comprei uma grande propriedade perto de Locarno; e, sem dúvida, como muitos outros, deves ter perguntado onde consegui dinheiro para esta aquisição. Eis, para ti, a solução do enigma: eu nunca fui o proprietário, fui unicamente um *prête-nom*⁹ para meu rico amigo Cafiero. Ficou decidido que eu seria o proprietário de nome, a fim de que eu pudesse adquirir a cidadania; o que nos pareceu necessário, pois um cidadão não pode ser expulso do cantão de Tessin, e minha estada neste cantão havia sido julgada indispensável. Assim, passei por proprietário, por burguês; e não somente não me aborreci por me terem considerado como tal, mas fazia mesmo tudo que era possível para que esta nova reputação se espalhasse o máximo possível. Quanto mais burguês eu pudesse parecer, mais útil e mais segura seria minha atividade anônima.

Mas hoje, tendo definitiva e irrevogavelmente renunciado a esta atividade, não preciso mais de máscara; devolvi minhas plumas de pavão, quero dizer, a propriedade, a seu verdadeiro proprietário, a meu amigo Cafiero; eu próprio me distanciei e resido agora, com minha família, em Lugano. Compreendestes? Se, sim, guarda isto para ti e não repitas a ninguém o que acabo de te dizer.

Fora isso, não cruzo os braços, trabalho muito. Primeiramente, escrevo minhas memórias; e, em segundo lugar, simultaneamente, proponho-me a escrever, se minhas forças o permitirem, uma última palavra sobre minhas convicções mais íntimas, eu leio enormemente. Tenho atualmente três livros à mão: Kolb's Culturgeschichte der Menschheit, Autobiography de Stuart Mill e Schopenhauer.

Leste a Autobiografia? Se ainda não o fizeste, não deixes absolutamente de fazê-lo. A obra é, ao mais elevado ponto, interessante e instrutiva. Do teu lado, escreve-me sobre o que lêes; e, se valer a pena, recomenda-me. Chega de ensinar, nós iremos, amigo, nos dedicar em nossos velhos dias, a aprender. É mais divertido.

Escreve o mais rápido possível. Eis meu endereço: Suíça Lugano, Caixa Postal. Senhor M. Bakunin.

Eu te abraço, velho amigo, e lembranças de minha parte a Miss Mary. Responde-me rapidamente.

Teu M. Bakunin

CARTA A ELISÉE RECLUS*

Meu muito caro amigo. Agradeço-te muito por tuas boas palavras. Jamais duvidei de tua amizade, este sentimento é sempre mútuo e eu julgo o teu em relação ao meu.

Sim, tens razão, a revolução no momento foi ao leito, recaímos no período das evoluções, quer dizer, naquele das revoluções subterrâneas, invisíveis e freqüentemente mesmo insensíveis. A evolução de hoje é muito perigosa, se não para a humanidade, pelo menos para certas nações. É a última encarnação de uma classe esgotada, jogando seu último jogo, sob a proteção da ditadura militar macmahono-bonapartista na França, bismarckiana no resto da Europa.

⁹ Em francês no texto original.

* Lugano. 15 de fevereiro de 1875. Archives Bakounine, Tomo V. op-pp. LXXXIII - LXXXIV.

Eu concordo contigo em dizer que a hora da revolução passou, não por causa dos horrorosos desastres dos quais fomos testemunhas e das terríveis derrotas das quais fomos vítimas culpadas, mas porque, para meu grande desespero, eu constatei e constato todos os dias que o pensamento, a esperança e a paixão revolucionários não se encontram absolutamente nas massas, e quando elas estão ausentes, de nada vale fazer esforços inúteis. Admiro a paciência e a perseverança heróicas dos jurassianos e dos belgas - estes últimos moicanos da falecida Internacional - e que apesar de todas as dificuldades, adversidades, apesar de todos os obstáculos, no meio da indiferença geral, opõem sua frente obstinada ao curso absolutamente contrário das coisas, continuando a fazer tranqüilamente o que eles fizeram antes das catástrofes, quando o movimento geral era ascendente e o mínimo esforço criava uma força. Trabalho ainda mais meritório, visto que não colherão os frutos, mas eles podem estar certos de que o trabalho não será perdido nada se perde neste mundo - e as gotas de água, por serem invisíveis, nem por isso deixam de formar o oceano.

Quanto a mim, meu caro, tornara-me muito, velho, muito doente, muito desencorajado, e, devo te dizer, sob muitos pontos de vista muito desiludido, para sentir o desejo e a força de participar desta obra.

Eu decididamente me retirei da luta e passarei o resto de meus dias numa contemplação não desocupada, bem ao contrário, intelectualmente bem ativa, e que, espero, não deixará de produzir alguma coisa de útil.

Uma das paixões que me domina, neste momento, é uma imensa curiosidade. Uma vez que tive de reconhecer que o mal triunfou e que não pude impedi-lo, pus-me a estudar suas evoluções e seus desenvolvimentos com uma paixão quase científica, completamente *objetiva*.

Que atores e que cena. No fundo, e dominando toda a situação na Europa, estão o imperador Guilherme e Bismarck, à frente de um grande povo laicaio. Contra eles, o papa, com seus jesuítas, com toda a Igreja católica e romana, ricos em bilhões, dominam uma grande parte do mundo através das mulheres, pela ignorância das massas, e pela habilidade incomparável de seus inúmeros filiados, tendo seus olhos e suas mãos em todos os lugares.

Terceiro ator - A civilização francesa, encarnada em Mac-Mahon, Dupanloup e Broglie, colocando as correntes em um grande povo em declínio. E em torno de tudo isso, a Espanha, a Itália, a Áustria e a Rússia, fazendo cada uma suas caretas de ocasião, e de longe a Inglaterra, não podendo se decidir a voltar a ser alguma coisa, e ainda mais longe, a República modelo dos Estados Unidos da América, já se engraçando com a ditadura militar.

Pobre humanidade!

É evidente que ela só poderá sair desta cloaca por uma imensa revolução social. Mas como ela fará esta revolução? Nunca a reação internacional da Europa esteve tão formidavelmente armada contra todo movimento popular. Ela fez da repressão uma nova ciência que se ensina sistematicamente nas escolas militares aos tenentes de todos os países. E para atacar esta fortaleza inexpugnável o que temos? As massas desorganizadas. Mas como organizá-las, quando elas não são suficientemente apaixonadas por sua própria salvação, quando elas não sabem o que elas devem querer e quando não querem a única coisa que pode salvá-las.

Resta a propaganda, tal como a fazem os jurassianos e os belgas. É alguma coisa sem dúvida, mas muito pouca coisa, algumas gotas de água no oceano; e se não houvesse outro meio de salvação, a humanidade teria tido tempo de apodrecer dez vezes antes de ser salva.

Resta uma outra esperança: a guerra universal. Estes imensos Estados militares devem se entredestruir e se *entrededorar, cedo ou tarde*. Mas que perspectiva!